

# OITO PALESTRAS SOBRE YOGA

por Mahātmā Guru Śrī Paramāhaṃsa Śivāji

(Aleister Crowley)

sendo

THE EQUINOX  
Volume III Número 4

An. IIIxxi

© in 

Tradução: Alan Michel Willms Quinot.  
Título original: *Eight Lectures on Yoga*.  
1ª edição: 1 de agosto de 2019

 Hadnu

<https://www.hadnu.org>

## **Você gostou deste livro?**

Adquira uma cópia impressa ou ebook  
e assim contribua com o projeto de traduções:

[hadnu.org/loja](http://hadnu.org/loja)



Publicação da A.:A.:  
em Classe B

PARA

CHARLES RICHARD CAMELL

Nosso Organizador

## NOTA DO EDITOR

Agradeço a Krzysztof Azarewicz da Lashtal Press por todo o suporte dado neste projeto. Além de contribuir com este belo prefácio, o Sr. Azarewicz também esclareceu diversas referências obscuras e divergências entre diferentes edições do original em inglês.

Ao longo desta edição serão encontradas diversas notas explicativas, que estão marcadas «entre aspas duplas especiais» para diferir das notas da obra original.



# *Yoga para Selvagens<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> «*Yahoos* no original: uma raça de criaturas encontradas n'As *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Com o tempo, o termo passou a ser empregado para aludir a uma pessoa rústica, grosseira ou estúpida.»



# PRIMEIRA PALESTRA: PRINCÍPIOS BÁSICOS

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

A minha vontade é explicar o assunto do Yoga em linguagem clara, sem recorrer ao jargão ou à enunciação de hipóteses fantásticas, a fim de que essa grande ciência possa ser completamente compreendida como sendo de importância universal.

Pois, como todas as grandes coisas, ele é simples; mas, como todas as grandes coisas, é mascarado pelo pensamento confuso; e, com demasiada frequência, tornado em algo desprezível pelas maquinações da patifaria.

1. Há mais absurdos ditos e escritos sobre o Yoga do que sobre qualquer outra coisa no mundo. A maior parte desses absurdos, que são fomentados por charlatães, baseia-se na ideia de que há algo de misterioso e oriental nele. Não há. Não me procure em busca de obeliscos e odaliscas, manjares turcos, passarinhos ou qualquer outra imagem espalhafatosa dos traficantes de Yoga. Eu estou bem arrumado, mas não sou extravagante. Não há nada de misterioso ou oriental sobre qualquer coisa, como todos que passaram algum tempo de forma inteligente nos continentes asiático e africano sabem. Proponho invocarmos o mais remoto e elusivo de todos os Deuses para lançar luz sobre o assunto — a luz do senso comum.

2. Todos os fenômenos dos quais estamos conscientes ocorrem em nossas próprias mentes e, portanto, a única coisa que temos que observar é a mente; o que é uma quantidade mais constante sobre todas as espécies da humanidade do que geralmente se supõe. O que parecem ser diferenças radicais, irreconciliáveis através da argumentação, são geralmente encontradas devido à obstinação do hábito produzido por gerações de treinamento sectário sistemático.

3. Então precisamos começar o estudo do Yoga observando o significado da palavra. Ela significa União, da mesma raiz sânscrita que a palavra grega *zeugma*, a palavra latina *jugum* e a palavra inglesa *yoke*. ( $\sqrt{Yeug}$  — juntar.)

Quando uma dançarina se devota ao serviço de um templo, há um Yoga de suas relações para celebrar. O Yoga, em suma, pode ser traduzido como “luta do chá”, o que sem dúvida explica o fato de que todos os estudantes de Yoga na Inglaterra não fazem nada além de fofocar sobre infundáveis libações de chá Lyons<sup>2</sup>.

4. Yoga significa União.

---

<sup>2</sup> «“Lyons de 1s. 2d” no original, ou seja, um chá que custava 1 xelim e 2 pênis na moeda inglesa da época. A Lyons possuía uma grande rede de casas de chá.»

Em que sentido devemos considerar isso? Como a palavra Yoga implica um sistema de treinamento religioso ou uma descrição da experiência religiosa?

Vocês podem notar, por acaso, que a palavra Religião é realmente identificável com Yoga. Significa uma ligação.

#### 5. Yoga significa União.

Quais são os elementos que estão unidos ou prestes a serem unidos quando esta palavra é usada em seu sentido comum de uma prática amplamente difundida no Hindustão, cujo objetivo é a emancipação do indivíduo que a estuda e pratica das características menos agradáveis de sua vida neste planeta?

Eu digo Hindustão, mas eu realmente quero dizer em qualquer lugar da terra; pois pesquisas mostram que são encontrados em todos os países métodos similares que produzem resultados similares. Os detalhes variam, mas a estrutura geral é a mesma. Porque todos os corpos e, portanto, todas as mentes, têm Formas idênticas.

#### 6. Yoga significa União.

Na mente de uma pessoa religiosa, o complexo de inferioridade que explica sua devoção a obriga a interpretar essa emancipação como uma união com o vertebrado gasoso que ela inventou e chamou de Deus. No vapor nebuloso de seus medos, sua imaginação lançou uma enorme sombra distorcida dela mesma, e ela está devidamente aterrorizada; e quanto mais ela se encolhe diante da sombra, mais o espectro parece se inclinar para esmagá-la. Pessoas com essas ideias nunca chegarão a lugar algum além de manicômios e igrejas.

É por causa deste esmagador miasma de medo que todo o assunto do Yoga se tornou obscuro. Um problema perfeitamente simples foi tornado complexo pelo mais desprezível absurdo ético e supersticioso. No entanto, o tempo todo a verdade está evidente na própria palavra.

#### 7. Yoga significa União.

Agora podemos considerar o que o Yoga realmente é. Vamos espiar por um momento a natureza da consciência em ciências tais como a matemática, a biologia e a química.

Na matemática, a expressão  $a$  mais  $b$  mais  $c$  é uma trivialidade. Escreva  $a$  mais  $b$  mais  $c$  é igual a 0, e você obtém uma equação a partir da qual as verdades mais gloriosas podem ser desenvolvidas.

Na biologia, a célula se divide infinitamente, mas nunca se torna nada diferente; mas se unirmos células de qualidades opostas, masculina e feminina, estabelecemos as bases de uma estrutura cujo ápice é inatingível nos céus da imaginação.

Fatos semelhantes ocorrem na química. O átomo por si só tem poucas qualidades constantes, nenhuma delas particularmente significativa; mas assim que um elemento se combina com o objeto de sua fome, obtemos não apenas a produção extática de luz, calor e assim por diante, mas também uma estrutura mais complexa, com poucas ou nenhuma das qualidades de seus elementos, mas capaz de mais combinações em complexidades de sublimidade surpreendente. Todas essas combinações, todas essas uniões, são Yoga.

#### 8. Yoga significa União.

Como devemos aplicar essa palavra aos fenômenos da mente?

Qual é a primeira característica de tudo no pensamento? Como afinal ele chegou a ser um pensamento? Apenas por uma distinção entre ele e o resto do mundo.

A primeira proposição, o modelo de todas as proposições, é: *S é P*. Deve haver duas coisas — coisas diferentes — cuja relação forma conhecimento.

Yoga é antes de mais nada a união do sujeito e do objeto da consciência: do observador com a coisa observada.

9. Ora, não há nada de estranho ou maravilhoso em tudo isso. O estudo dos princípios do Yoga é muito útil para o homem comum, mesmo que apenas para fazê-lo pensar sobre a natureza do mundo como ele supõe que o conhece.

Vamos considerar um pedaço de queijo. Dizemos que ele tem certas qualidades, forma, estrutura, cor, solidez, peso, sabor, cheiro, consistência e o tudo mais; mas a investigação mostrou que isso tudo é ilusório. Onde estão essas qualidades? Não estão no queijo, pois observadores diferentes o descrevem de maneiras bem diferentes. Não estão em nós mesmos, porque não as percebemos na ausência do queijo. Todas as “coisas materiais”, todas as impressões, são fantasmas.

Na realidade, o queijo nada mais é do que uma série de cargas elétricas. Descobriu-se que mesmo a qualidade mais fundamental de todas, a massa, não existe. O mesmo vale para a matéria em nossos cérebros, que é parcialmente responsável por essas percepções. Quais são então essas qualidades das quais todos estamos tão certos? Elas não existiriam sem nossos cérebros; elas não existiriam sem o queijo. Elas são os resultados da união, isto é, do Yoga, do observador e do que é observado, do sujeito e do objeto na consciência, como diz a frase filosófica. Elas não têm existência material; elas são apenas nomes dados aos resultados extáticos dessa forma particular de Yoga.

10. Eu acho que nada pode ser mais útil para o estudante de Yoga do que fixar a proposição acima firmemente em sua mente subconsciente. Cerca de nove décimos do problema ao entender o assunto é todo esse sensacionalismo sobre o Yoga ser mis-

terioso e oriental. Os princípios do Yoga e os resultados espirituais do Yoga são demonstrados em todo acontecimento consciente e inconsciente. Isto é aquilo que está escrito n’*O Livro da Lei* – Amor é a lei, amor sob vontade – pois o Amor é o instinto de unir, e o ato de unir. Mas isso não pode ser feito indiscriminadamente, deve ser feito “sob vontade”, isto é, de acordo com a natureza das unidades particulares envolvidas. O hidrogênio não tem amor pelo hidrogênio; não é a natureza, ou a “verdadeira Vontade” do Hidrogênio, buscar unir-se a uma molécula de sua própria espécie. Adicione Hidrogênio ao Hidrogênio: nada acontece com a sua qualidade: é apenas sua quantidade que muda. Ao invés disso, ele busca ampliar sua experiência de suas possibilidades pela união com átomos de caráter oposto, como do Oxigênio; eles se combinam (com uma explosão de luz, calor e som) para formar água. O resultado é totalmente diferente de qualquer um dos elementos que o compõe, e tem outro tipo de “verdadeira Vontade”, tal como unir-se (com desengajamento similar de luz e calor) com Potássio, enquanto a “potassa cáustica” resultante tem por sua vez um série totalmente nova de qualidades, com ainda outra “verdadeira Vontade” própria; isto é, unir-se explosivamente com ácidos. E assim por diante.

11. Pode parecer a alguns de vocês que essas explicações arruinam o Yoga; que eu o reduzi à categoria de coisas comuns. Esse foi o meu objetivo. Não há sentido em ter medo do Yoga, ser intimidado pelo Yoga, ficar confuso e se sentir mistificado pelo Yoga, ou se entusiasmar com o Yoga. Se quisermos fazer algum progresso em seu estudo, precisamos de uma mente clara e da atitude científica impessoal. É especialmente importante não nos afligirmos com o jargão oriental. Podemos ter que usar algumas palavras em sânscrito; mas isso é apenas porque elas não têm equivalentes em português; e qualquer tentativa de traduzi-las nos sobrecarrega com as conotações das palavras em português existentes que empregamos. No entanto, essas palavras são muito poucas; e, se as definições que proponho dar a vocês forem cuidadosamente estudadas, elas não devem apresentar dificuldades.

12. Tendo entendido agora que o Yoga é a essência de todos os fenômenos sejam quais forem, podemos perguntar qual é o significado especial da palavra em relação à investigação que propomos, uma vez que o processo e os resultados são familiares para cada um de nós; de fato tão familiares que na verdade não há mais nada de que tenhamos conhecimento. *É* conhecimento.

O que é que vamos estudar e por que devemos estudá-lo?

13. A resposta é muito simples.

Todo esse Yoga que conhecemos e praticamos, esse Yoga que produziu esses resultados extáticos que chamamos de fenômenos, inclui em suas emanções espirituais uma boa dose de dissabor. Quanto mais estudamos este universo produzido por nosso Yoga, quanto mais coletamos e sintetizamos nossas experiências, mais nos aproximamos de uma percepção daquilo que o Buda declarou ser característico de todas as

coisas componentes: Sofrimento, Mudança e Ausência de qualquer princípio permanente. Constantemente abordamos sua enunciação das duas primeiras “Nobres Verdades”, como ele as chamava. “Tudo é Sofrimento”; e “A causa do Sofrimento é o Desejo”. Pela palavra “Desejo” ele quis dizer exatamente o que significa “Amor” n’*O Livro da Lei*, que eu citei há alguns momentos atrás. “Desejo” é a necessidade de cada unidade de ampliar sua experiência combinando-se com sua oposta.

14. É muito fácil elaborar toda a série de argumentos que culminam na primeira “Nobre Verdade”.

Toda operação de Amor é a satisfação de uma fome amarga, mas a satisfação só torna o apetite mais feroz; de modo que podemos dizer com o Pregador: “Aquele que aumenta o conhecimento aumenta o Sofrimento”. A raiz de todo esse sofrimento está no sentido de insuficiência; a necessidade de se unir, de se perder no objeto amado, é a prova manifesta desse fato, e é claro também que a satisfação produz apenas um alívio temporário, porque o processo se expande indefinidamente. A sede aumenta conforme se bebe. A única satisfação completa concebível seria o Yoga do átomo com o universo inteiro. Esse fato é facilmente percebido e tem sido constantemente expresso nas filosofias místicas do Ocidente; o único objetivo é a “União com Deus”. É claro que só usamos a palavra “Deus” porque fomos criados na superstição, e os filósofos superiores, tanto no Oriente como no Ocidente, preferiram falar da união com o Todo ou com o Absoluto. Mais superstições!

15. Muito bem, então, não há dificuldade alguma; já que cada pensamento em nosso ser, cada célula em nossos corpos, cada elétron e próton de nossos átomos, nada mais é do que Yoga e o resultado de Yoga. Tudo o que precisamos fazer para obter emancipação, satisfação, tudo o que queremos é realizar essa operação universal e inevitável sobre o próprio Absoluto. Alguns dos membros mais sofisticados deste meu público podem estar pensando que há uma pegadinha em algum lugar. Eles estão perfeitamente certos.

16. O problema é simplesmente este. Cada elemento do qual somos compostos está de fato constantemente ocupado com a satisfação de suas necessidades particulares por seu próprio Yoga particular; mas, por essa mesma razão, ele está completamente obcecado por sua própria função, que ele naturalmente considera como a finalidade máxima de sua existência. Por exemplo, se você pegar um tubo de vidro aberto nas duas extremidades e colocá-lo sobre uma abelha na vidraça, ela continuará batendo contra a janela até o ponto de exaustão e morte, em vez de escapar pelo tubo. Não devemos confundir o funcionamento automático necessário de qualquer um dos nossos elementos com a verdadeira Vontade que é a órbita apropriada de qualquer estrela. Um ser humano só age como uma unidade devido a inúmeras gerações de treinamento. Processos evolutivos estabeleceram uma ordem mais elevada de ação Yogica, pela qual conseguimos subordinar o que consideramos interesses particulares a aquilo que consideramos ser do bem-estar geral. Nós somos comunidades; e nosso bem-estar depende

da sabedoria de nossas Assembleias e da disciplina com a qual suas decisões são aplicadas. Quanto mais complicados somos, mais elevados estamos na escala da evolução, mais complexa e difícil é a tarefa da legislação e da manutenção da ordem.

17. Em comunidades altamente civilizadas como a nossa (*risos altos*), o indivíduo está constantemente sendo atacado por interesses e necessidades conflitantes; sua individualidade é constantemente assaltada pelo impacto de outras pessoas; e em um número muito grande de casos ele é incapaz de enfrentar a tensão. A “esquizofrenia”, que é uma palavra adorável, e pode ou não ser encontrada nos seus dicionários, é uma queixa extremamente comum. Significa a divisão da mente. Em casos extremos, temos os fenômenos da personalidade múltipla, Jekyll e Hyde, até mesmo mais. Na melhor das hipóteses, quando um homem diz “eu” ele se refere apenas a um fenômeno transitório. Seu “eu” muda conforme ele pronuncia a palavra. Mas — filosofia à parte — é cada vez mais raro encontrar um homem com uma mente própria e uma vontade própria, mesmo nesse sentido modificado.

18. Portanto, eu quero que vocês vejam a natureza dos obstáculos à união com o Absoluto. Por um lado, o Yoga que praticamos constantemente não tem resultados invariáveis; há uma questão de atenção, de investigação, de reflexão. Em uma instrução futura, proponho tratar das modificações de nossa percepção assim causadas, pois elas são de grande importância para a nossa ciência do Yoga. Por exemplo, o caso clássico dos dois homens perdidos em uma floresta densa à noite. Um diz ao outro: “Aquele cachorro latindo não é um gafanhoto; é o rangido de uma carroça”. Ou novamente, “Ele pensou ter visto o bancário descendo de um ônibus. Ele olhou de novo e viu que era um hipopótamo”.

Todo mundo que fez qualquer investigação científica sabe dolorosamente bem como cada observação deve ser corrigida repetidamente. A necessidade de Yoga é tão amarga que nos cega. Somos constantemente tentados a ver e ouvir aquilo que queremos ver e ouvir.

19. Portanto, cabe a nós, se desejamos realizar o Yoga universal e final com o Absoluto, dominar todos os elementos do nosso ser, protegê-lo contra toda guerra interna e externa, intensificar todas as faculdades ao máximo, nos treinarmos em conhecimento e poder ao máximo; de modo que, no momento apropriado, possamos estar em perfeitas condições para nos atirmos ao forno de êxtase que arde do abismo da aniquilação.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

## SEGUNDA PALESTRA: YAMA

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

Estrelas e amniotas placentários! E vós, habitantes dos dez mil mundos!

A conclusão de nossas pesquisas na semana passada foi que o Yoga supremo que concede a emancipação, que destrói o senso de separação que é a raiz do Desejo, deve ser feito pela concentração de cada elemento do ser e aniquilando-o pela íntima combustão com o próprio universo.

Eu poderia observar aqui, entre parênteses, que uma das dificuldades de se fazer isso é que todos os elementos do Yogī aumentam em todos os sentidos exatamente na medida em que ele progride, e como consequência desse progresso. No entanto, não adianta resolvermos o problema antes que ele surja, e descobriremos que ao estabelecer princípios científicos sérios baseados na experiência universal, eles nos servirão fielmente em todas as etapas da jornada.

2. Felizmente, quando iniciei a investigação do Yoga, eu estava equipado com um treinamento muito sólido sobre os princípios fundamentais da ciência moderna. Percebi imediatamente que, se tivéssemos de estabelecer qualquer senso comum no assunto (a ciência nada mais é do que o senso comum instruído), a primeira coisa a ser feita seria um estudo comparativo dos diferentes sistemas de misticismo. Imediatamente tornou-se evidente que os resultados por todo o mundo eram idênticos. Eles foram mascarados por teorias sectárias. Os métodos mundo afora eram idênticos; eles eram mascarados pelo preconceito religioso e pelos costumes locais. Mas em sua essência – idênticos! Esse princípio simples provou ser suficiente para desvincular o sujeito das extraordinárias complexidades que confundia sua expressão.

3. Quando chegou a hora de prepararmos uma análise simples do assunto, surgiu a questão: que termos devemos usar? Os misticismos da Europa são irremediavelmente confusos; as teorias sobrepuseram inteiramente os métodos. Talvez o sistema chinês seja o mais sublime e o mais simples; mas, a menos que você nasça chinês, os símbolos são de dificuldade realmente impossível de escalar. O sistema budista é, de certa forma, o mais completo, mas é também o mais recôndito. As palavras são excessivamente longas e difíceis de memorizar; e de um modo geral, não se consegue ver o bosque por causa das árvores. Mas do sistema indiano, embora seja sobrecarregado por acréscimos de todo tipo, é comparativamente fácil extrair um método que esteja livre de implicações desnecessárias e indesejáveis, e fazer uma interpretação inteligível dele para, e aceitável por, mentes europeias. É este sistema, e esta interpretação dele, que proponho apresentar a vocês.

4. O grande clássico da literatura sânscrita se chama *Os Aforismos* de Patañjali. Ele é pelo menos misericordiosamente breve, e não mais do que noventa ou noventa e cinco por cento do que ele escreve pode ser descartado como os delírios de uma mente desordenada. O que resta são vinte e quatro quilates de ouro. Eu agora vou outorgá-lo.

5. É dito que o Yoga tem oito membros. Por que são chamados de membros eu não sei. Mas achei conveniente aceitar essa classificação, e podemos abordar o tema muito satisfatoriamente, classificando nossas observações sob essas oito categorias.

6. Essas categorias são:

- 1) Yama.
- 2) Niyama.
- 3) Āsana.
- 4) Prāṇāyāma.
- 5) Pratyāhāra.
- 6) Dhāraṇā.
- 7) Dhyāna.
- 8) Samādhi.

Qualquer tentativa de traduzir essas palavras nos deixará atolados em um pântano de incompreensão irremediável. O que podemos fazer é tratar de cada uma delas uma de cada vez, dando no início algum tipo de definição ou descrição que nos permita ter uma ideia bastante completa do que se quer dizer pela palavra. Portanto, vou começar com uma descrição de Yama.

Observai! Ponderai! Transcendei!

7. Yama é o mais fácil de definir dos oito membros do Yoga, e corresponde proximamente à nossa palavra “controle”. Quando eu lhes digo que alguns a traduziram como “moralidade”, vocês se retrairão espantados e indignados com essa revelação da baixeza sem cérebro da humanidade.

Aqui a palavra “controle” não é muito diferente da palavra “inibição” usada pelos biólogos. Uma célula primária, como a ameba, é em um sentido completamente livre, em outro completamente passiva. Todas as suas partes são iguais. Qualquer parte de sua superfície pode ingerir seu alimento. Se você a cortar ao meio, o único resultado é que você tem duas amebas perfeitas ao invés de uma só. Até que ponto esta condição

foi removida na escala evolutiva dos assassinatos do baú<sup>3</sup>!

Os organismos que se desenvolveram pela especialização de suas estruturas componentes não conseguiram isso tanto pela aquisição de novos poderes, mas sim pela restrição de parte dos poderes gerais. Assim, um especialista da Harley Street<sup>4</sup> é simplesmente um médico comum que diz: “Eu não vou sair e cuidar de uma pessoa doente; não vou, não vou, não vou”.

Agora, o que é verdadeiro para as células também é verdadeiro para todos os órgãos já potencialmente especializados. O poder muscular se baseia na rigidez dos ossos e na recusa das articulações em permitir qualquer movimento em qualquer direção que não seja a indicada. Quanto mais sólido for o fulcro, mais eficiente é a alavanca. A mesma observação se aplica a questões morais. Essas questões são perfeitamente simples em si; mas elas foram completamente sobrepostas pelas atividades sinistras de padres e legisladores.

Não há questão de certo ou errado em qualquer sentido abstrato sobre qualquer um desses problemas. É absurdo dizer que é “certo” que o cloro se misture entusiasticamente ao hidrogênio, e apenas de uma maneira muito grosseira ao oxigênio. Não é virtuoso que uma hidra seja hermafrodita ou teimosia da parte de um cotovelo não se mover livremente em todas as direções. Qualquer um que saiba qual é o seu trabalho tem apenas um dever, que é fazer esse trabalho. Qualquer pessoa que possua uma função tem apenas um dever para com essa função, providenciar sua livre realização.

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

8. Não nos surpreenderemos, portanto, se descobrirmos que o termo perfeitamente simples Yama (ou Controle) foi distorcido de todo sentido pela ingenuidade equivocada e maligna do hindu religioso. Ele interpretou a palavra “controle” como significando conformidade com certas proibições fixas. Há muitas proibições agrupadas sob o título de Yama, que são talvez necessárias para o tipo de pessoas contempladas pelo Professor, mas elas foram inconscientemente elevadas ao status de regras universais. Nós todos estamos familiarizados com a proibição da carne de porco como um artigo de dieta para judeus e maometanos. Isso não tem nada a ver com Yama, ou retidão abstrata. Foi devido ao fato de que a carne de porco nos países do leste estava infectada com a triquina; que matava as pessoas que comiam carne de porco malcozida. Não adiantava explicar aos selvagens esse fato. De qualquer forma, eles só teriam quebrado a regra de higiene quando a ganância os vencesse. O conselho teve que se tornar

---

<sup>3</sup> «Crowley se refere aos assassinatos que ocorreram em 1934 em Brighton, Inglaterra, onde os corpos das vítimas foram encontrados desmembrados em baús (*trunks*). Estes dois crimes levaram a mídia a lembrar o público de um terceiro – e mais antigo – assassinato que ocorrera com o mesmo *modus operandi* em 1831.»

<sup>4</sup> «Harley Street é uma rua de Londres famosa pela quantidade de consultórios médicos, com diversos especialistas e cirurgiões, até os dias de hoje.»

uma regra universal e ser apoiado pela autoridade de uma sanção religiosa. Eles não tinham cérebro para acreditar em triquinose; mas eles estavam com medo de Jeová e Jehannum. Assim também, sob o agrupamento de Yama, aprendemos que o aspirante a Yogī deve se tornar “resoluto no não-recebimento de presentes”, o que significa que se alguém lhe oferecer um cigarro ou um copo de água, você deve rejeitar seus avanços insidiosos da maneira mais vitoriana. São absurdos como este que fazem com que a ciência do Yoga seja desprezada. Mas não é um absurdo se você considerar a classe de pessoas para quem a injunção foi promulgada; pois, como mostraremos mais adiante, antes da concentração da mente há o controle da mente, que significa acalmar a mente, e a mente hindu é constituída de tal maneira que, se você oferecer ao homem o mais insignificante objeto, o incidente é um marco em sua vida. Isso o perturba completamente por anos.

No Oriente, um ato absolutamente automático e impensado de bondade para com um nativo pode prendê-lo a você, corpo e alma, pelo resto da vida dele. Em outras palavras, isso vai aborrecê-lo; e como aprendiz de Yogī ele tem que recusar. Mas até a recusa vai perturbá-lo bastante; e, portanto, ele precisa se tornar “resoluto” na recusa; isto é, ele tem que erigir por meio da recusa habitual uma barreira psicológica tão forte que ele possa realmente rejeitar a tentação sem um tremor, um agito, ou mesmo uma fusa de pensamento. Tenho certeza que vocês perceberão que é necessária uma regra absoluta para obter esse resultado. Obviamente, é impossível para ele tentar traçar a linha entre o que ele pode receber e o que ele não pode; ele está meramente envolvido em um dilema socrático; enquanto que se ele for para o outro lado da linha e aceitar tudo, sua mente ficará igualmente perturbada com o fardo da responsabilidade de lidar com as coisas que ele aceitou. No entanto, todas estas considerações não se aplicam à mente europeia média. Se alguém me der 200 mil libras esterlinas, eu automaticamente não perceberei. É uma circunstância normal da vida. Me testem!

9. Há muitas outras injunções, todas as quais devem ser examinadas independentemente, a fim de descobrir se elas se aplicam ao Yoga em geral, e à vantagem particular de qualquer estudante. Devemos excluir especialmente todas aquelas considerações baseadas em teorias fantásticas do universo, ou nos acidentes de raça ou clima.

Por exemplo, no tempo do marajá tardio da Caxemira, a pesca do peixe mahāsīra era proibida em todo o seu território; porque, quando criança, ele estava debruçado sobre o parapeito de uma ponte sobre o rio Jhelum em Srinagar, e inadvertidamente abriu a boca, de modo que um mahāsīra foi capaz de engolir sua alma. Nunca teria ocorrido a um Sāhiba – um Mleccha! – capturar esse mahāsīra. Essa história realmente é típica de 90% dos preceitos normalmente listados sob a categoria de Yama. Os demais na maior parte se baseiam em condições locais e climáticas, e podem ou não ser aplicáveis ao seu próprio caso. E, por outro lado, existem todos os tipos de boas regras que nunca ocorreram a um professor de Yoga; porque esses professores nunca conceberam as condições em que muitas pessoas vivem hoje. Nunca ocorreu ao Buda

ou a Patañjali ou ao Almançor Alhalaje aconselhar seus alunos a não praticar em um apartamento com um aparelho de rádio por perto.

O resultado de tudo isso é que todos vocês, que valem o que recebem, ficarão absolutamente encantados quando eu disser a vocês para descartar todas as regras e descobrir as suas próprias regras. Sir Richard Burton disse: “Mais nobre vive e mais nobre morre, aquele que cria e segue suas próprias leis”.

10. Isto é, naturalmente, o que todo homem da ciência tem que fazer a cada experimento. Isto é o que constitui um experimento. O outro tipo de homem só tem maus hábitos. Quando você explora um novo país, não sabe quais serão as condições; e você tem que dominar essas condições pelo método de tentativa e erro. Quando nós começamos a penetrar na estratosfera; e tivemos que modificar nossas máquinas das mais diversas maneiras que não foram previstas completamente. Desejo proclamar mais uma vez que nenhuma questão de certo ou errado entre em nossos problemas. Mas, na estratosfera, é “certo” que um homem vista um traje resistente à pressão eletricamente aquecido, com um suprimento de oxigênio, ao passo que seria “errado” usá-lo se estivesse correndo as três milhas de distância dos esportes de verão no deserto de Tanezrufte.

Este é o fosso em que todos os grandes mestres religiosos até agora caíram, e tenho certeza de que todos vocês estão me observando com avidez na esperança de me ver fazer o mesmo. Mas não! Há um único princípio que nos resolve todos os conflitos relativos à conduta, porque é perfeitamente rígido e perfeitamente elástico: – “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”.

Então: não adianta vir me incomodar com isso. Perfeito domínio do violino em seis lições fáceis por correspondência! Eu deveria ter a insensibilidade de negar a vocês? Mas o Yama é diferente.

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei. *Isso é Yama.*

Seu objetivo é realizar Yoga. Sua Verdadeira Vontade é alcançar a consumação do casamento com o universo, e seu código de ética deve ser constantemente adaptado precisamente às condições do seu experimento. Até mesmo quando você descobrir qual é o seu código, você terá que modificá-lo à medida em que avança; “moldá-lo novamente, mais conforme ao desejo do coração” – Omar Caiam. Assim, em uma expedição ao Himalaia, sua regra da vida diária nos vales do Siquim ou no alto do rio Indo, terá que ser alterada quando você chegar à geleira. Mas é possível indicar (em termos gerais expressos com a máxima cautela) o *tipo* de coisa que provavelmente será ruim para você. Tudo o que enfraquece o corpo, que esgota, perturba ou inflama a mente é depreciável. Certamente, à medida em que progredirem, vocês descobrirão que existem algumas condições que não podem ser eliminadas de modo algum em suas circunstâncias particulares; e então vocês têm que encontrar uma maneira de lidar com elas para que elas causem o mínimo possível de problemas. E vocês descobrirão que não podem

conquistar o obstáculo de Yama e descartá-lo de suas mentes de uma vez por todas. As condições que são favoráveis para o iniciante podem tornar-se um incômodo intolerável para o adepto, enquanto, por outro lado, as coisas que importam muito pouco no começo se tornam obstáculos dos mais sérios mais tarde.

Outro ponto é que surgem problemas bastante inesperados durante o treinamento. Toda a questão da mente subconsciente pode ser descartada pelo homem comum quase como uma piada enquanto ele resolve seus assuntos diários; ela se torna um problema muito real quando você descobre que a tranquilidade da mente está sendo perturbada por um tipo de pensamento de cuja existência previamente não se suspeitava e cuja fonte é inimaginável.

Então, novamente, não há perfeição no assunto; sempre haverá erros e fraquezas, e o homem que vencer é o homem que consegue continuar com um motor defeituoso. A própria tensão do trabalho desenvolve os defeitos; e é uma questão de muito bom juízo ser capaz de lidar com as condições mutáveis da vida. Será visto que a fórmula “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei” não tem nada a ver com “Faça como lhe aprouver”.

É muito mais difícil cumprir a Lei de Thelema do que seguir servilmente um conjunto de regulamentações mortas. O quase único ponto de emancipação, no sentido de alívio de um fardo, é apenas a diferença entre Vida e Morte.

Obedecer a um conjunto de regras é transferir toda a responsabilidade de conduta a algum Bodhisattva ultrapassado, que se ressentiria amargamente se ele pudesse vê-lo e censurá-lo em termos inequívocos por ser tão tolo a ponto de achar que poderia se esquivar das dificuldades da pesquisa com o auxílio de um conjunto de convenções que pouco ou nada têm a ver com as condições reais.

Formidáveis, de fato, são os obstáculos que criamos pelo simples processo de arrebenatar nossos grilhões. A analogia da conquista do ar faz bastante sentido. As coisas que preocupam o pedestre não nos preocupam de forma alguma; mas para controlar um novo elemento, seu Yama deve ser aquele princípio biológico da adaptação às novas condições, do ajuste das faculdades a essas condições e conseqüente sucesso nessas condições, que foram enunciadas em relação à evolução planetária por Herbert Spencer e agora generalizadas para abranger todos os modos de ser pela Lei de Thelema.

Mas agora deixem-me começar a desatar minha indignação. Meu trabalho – o estabelecimento da Lei de Thelema – é um trabalho muito desencorajador. É raríssimo encontrar alguém que tenha quaisquer ideias sobre o assunto da liberdade. Como a Lei de Thelema é a lei da liberdade, o cabelo de todo mundo fica em pé como espinho de ouriço irritado; eles gritam como uma mandrágora desenraizada e fogem aterrorizados do amaldiçoado lugar. Porque o exercício da liberdade significa que você tem que pensar por si só, e a inércia natural da humanidade quer religião e ética prontas. Por mais

ridícula ou vergonhosa que seja uma teoria ou prática, eles preferem obedecê-la a examiná-la. Às vezes essa prática é o balanço-de-ganchos<sup>5</sup> ou o Satī<sup>6</sup>; às vezes consubstanciação ou supralapsarianismo<sup>7</sup>; eles não se importam com ao que são levados, desde que sejam bem-educados. Eles não querem se incomodar com isso. A gravata estilo *old school*<sup>8</sup> vence completamente. Eles nunca suspeitam do significado do padrão desenhado na gravata: a Flecha Larga.

Vocês se lembram do Dr. Alexandre Manette em *Um Conto de Duas Cidades*. Ele havia sido preso por muitos anos na Bastilha e, para se salvar de enlouquecer, obteve permissão para fabricar sapatos. Ele não gostou de ter sido libertado. Ele tinha que ser aproximado com a máxima cautela; ele ficava agoniado de medo se sua porta fosse deixada destrancada; ele confeccionava calçados em um frenesi ansioso achando que os sapatos não seriam terminados a tempo – sapatos que ninguém queria. Charles Dickens viveu numa época e num país em que esse estado de espírito parecia anormal e até deplorável, mas hoje é uma característica de 95% do povo da Inglaterra. Assuntos que foram discutidos livremente sob a Rainha Vitória agora são absolutamente tabus; porque todos sabem subconscientemente que tratar deles, por mais gentis que sejamos, é nos arriscarmos a precipitar a catástrofe de sua podridão seca.

Não haverá muitos Yogīs na Inglaterra, porque não haverá mais do que alguns poucos que, de fato, terão a coragem de enfrentar até mesmo este primeiro dos oito membros do Yoga: o Yama.

Não creio que algo vá salvar o país: a não ser pela guerra e pela revolução, quando aqueles que desejarem sobreviver terão que pensar e agir por si sós de acordo com suas necessidades desesperadas, e não por algum critério podre de convenções. Ora, até a habilidade do operário está quase arruinada em uma geração! Quarenta anos atrás, havia muito poucos trabalhos que um homem não poderia fazer com um canivete e uma mulher com um grampo de cabelo; hoje você tem que ter um instrumento específico para cada tarefa trivial.

Se vocês quiserem se tornar Yogīs, terão que se mexer.

Lege! Jūdicā! Tacē<sup>9</sup>!

---

<sup>5</sup> «Um festival onde o devoto é pendurado em um balanço por um gancho enfiado na carne de suas costas.»

<sup>6</sup> «Satī era uma prática devocional hindu onde a viúva era queimada viva na pira onde era cremado o corpo de seu marido.»

<sup>7</sup> «Na teologia calvinista, supralapsarianismo é o ponto de vista de que a seleção dos eleitos e dos condenados por Deus precedeu a queda, enquanto o infralapsarianismo afirma que esta seleção ocorreu *após* Deus decretar a queda.»

<sup>8</sup> «Uma gravata diferenciada usada como símbolo de pertencimento a um grupo especial de egressos de uma escola cara. Usar tal gravata sem ter direito a ela era malvisto.»

<sup>9</sup> «“Leia! Julgue! Fique quieto!” em latim.»

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

# TERCEIRA PALESTRA: NIYAMA

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

1. O assunto da minha terceira palestra é Niyama. Niyama? Hmm! A imperfeição até mesmo das mais nobres tentativas de traduzir essas miseráveis palavras em sânscrito está prestes a ser deliciosamente demonstrada. O mais próximo que eu consigo chegar do significado de Niyama é “virtude”! Que Deus nos ajude! Isso significa virtude no sentido etimológico original da palavra – a qualidade de masculinidade; ou seja, para todos os efeitos, a qualidade de divindade. Mas, como estamos traduzindo Yama como “controle”, descobrimos que nossas duas palavras não têm de modo algum o mesmo relacionamento entre si que as palavras originais em sânscrito têm; pois o prefixo *ni* em sânscrito dá o sentido de virar tudo de cabeça para baixo e de trás para frente – como vocês diriam, *hysteron proteron*<sup>10</sup> – produzindo ao mesmo tempo o efeito de sublimidade transcendental. Eu descobro que não consigo sequer começar a pensar em uma definição adequada, apesar de saber perfeitamente bem o que os hindus querem dizer com a palavra; se uma pessoa se absorve no pensamento oriental por um número suficiente de anos, ela obtém uma apreensão espiritual que é completamente impossível de expressar em termos que se aplicam aos objetos da apreensão intelectual; portanto, é muito melhor nos contentarmos com as palavras como elas se apresentam, e focarmos nos passos práticos a serem dados para dominar esses exercícios preliminares.

2. Dificilmente terá escapado ao ouvinte atento que em minhas palestras anteriores eu combinei o máximo de discursos com o mínimo de informação; isso é tudo parte do meu treinamento como um Ministro de Gabinete. Mas o que surge, sem confiança, do meu nevoeiro mental é que o Yama, olhando por alto, é, na maior parte, negativo em seus efeitos. Estamos impondo inibições na corrente de energia existente, assim como confinamos uma cascata em turbinas para controlar e direcionar a energia gravitacional natural da correnteza.

3. Pode ser bom, antes de deixar completamente o assunto do Yama, enumerar algumas das conclusões práticas que decorrem da nossa premissa de que não se deve permitir nada que possa enfraquecer ou destruir a beleza e a harmonia da mente. A existência social de qualquer tipo torna qualquer Yoga sério absolutamente fora de questão; a vida doméstica é completamente incompatível até mesmo com práticas básicas. Sem dúvida muitos de vocês dirão: “Isso pode soar correto para ele; mas que ele fale por si só; quanto a mim, eu gerencio minha casa e meu negócio para que tudo funcione tranquilamente”. Respostas-eco<sup>11</sup>...

4. Até que vocês realmente comecem a prática do Yoga, vocês não conseguem imaginar o que constitui uma perturbação. Vocês, a maioria de vocês, acham que podem se sentar perfeitamente imóveis; vocês me contam que os modelos que posam para

---

<sup>10</sup> «Grego para “o que vem depois, agora”, um artifício de retórica onde uma ideia que ocorre mais tarde na linha do tempo é dita por primeiro, para dar ênfase a ela.»

<sup>11</sup> «Uma resposta que repete o verbo da pergunta.»

pintores conseguem fazer isso por mais de trinta e cinco minutos. Eles não conseguem. Vocês não escutam o tique-taque do relógio; talvez vocês nem saibam se uma máquina de escrever está funcionando na sala; pelo que sei, vocês podem dormir em paz em meio a um ataque aéreo. Aquilo não tem nada a ver com isso. Assim que vocês começarem as práticas, vocês descobrirão, se as estiverem fazendo corretamente, que estão ouvindo sons que nunca ouviram antes na vida. Vocês se tornam hipersensíveis. E, como vocês têm cinco baterias de artilharia externas lhes bombardeando, vocês têm pouco descanso. Vocês sentem o ar em sua pele mais ou menos com a mesma intensidade que vocês teriam anteriormente sentido um soco na cara.

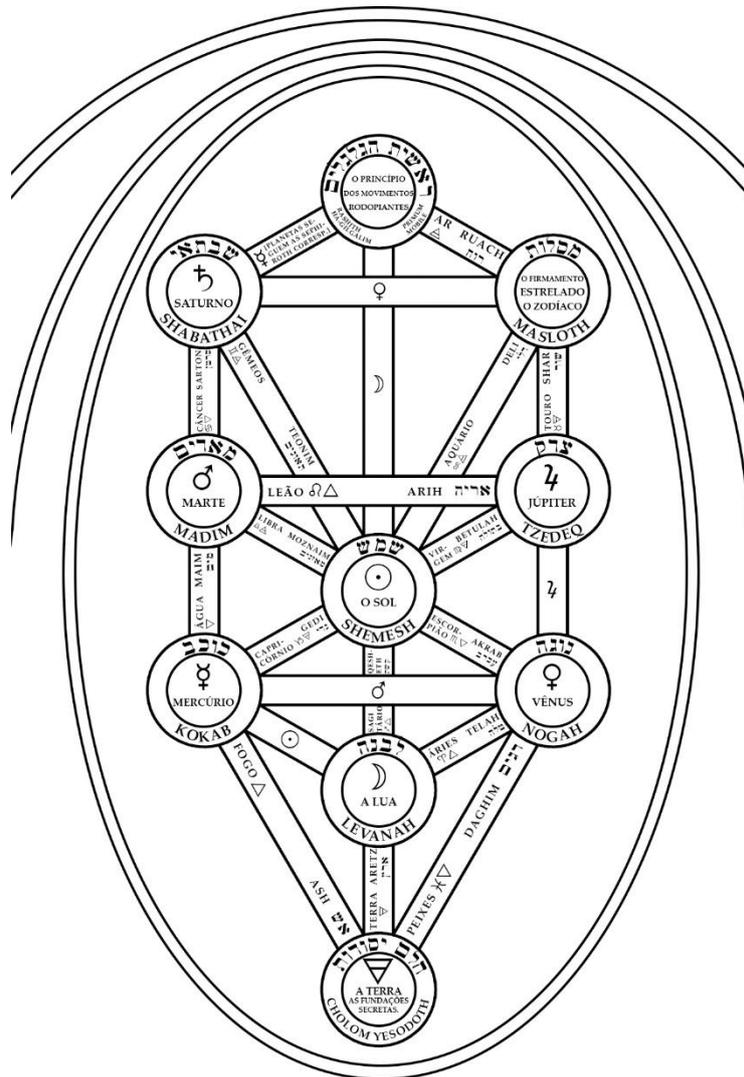
5. Sem dúvidas, até certo ponto esse fato será familiar para todos vocês. Provavelmente, a maioria de vocês esteve em algum momento no que é grotescamente conhecido como o silêncio da noite, onde vocês perceberiam movimentos infinitesimais de luz na escuridão, sons indescritíveis no silêncio. Eles lhes acalmariam e agradariam; nunca lhes ocorreu que essas mudanças poderiam ser sentidas como um tormento. Mas, mesmo nos primeiros meses de Yoga, é exatamente isso que acontece e, portanto, é melhor estar preparado estando organizando, antes mesmo de começar, de modo que toda a sua vida esteja permanentemente livre de todas as causas mais grosseiras de problemas. Portanto, o problema prático do Yama é em grande medida: “Como devo me preparar para realizar o trabalho?” Então, tendo atendido às condições que teoricamente são as melhores, vocês precisam enfrentar cada novo problema da melhor forma possível.

6. Agora estamos em uma posição melhor para considerar o significado de Niyama ou virtude. Para a maioria dos homens, as qualidades que constituem Niyama não são apreendidas de modo algum por sua autoconsciência. Estes são poderes positivos, mas estão latentes; seu desenvolvimento não é meramente mensurável em termos de quantidade e eficiência. À medida que nos elevamos do bruto ao fino, do grosseiro ao sutil, entramos em uma nova (e que parece à primeira vista ser uma incomensurável) região. É quase impossível explicar o que quero dizer com isso; se eu pudesse, vocês já saberiam. Como alguém pode explicar para uma pessoa que nunca patinou no gelo a natureza do prazer de executar um difícil movimento de patinação artística? Ele tem em si todo o aparato pronto para o uso; mas a experiência, e a experiência apenas, pode torná-lo consciente dos resultados de tal uso.

7. Ao mesmo tempo, em uma exposição geral do Yoga, pode ser útil dar uma ideia das funções sobre as quais os cumes que atravessam as nuvens das limitações de nossa compreensão intelectual se baseiam.

Eu tenho achado muito útil em todos os tipos de raciocínios empregar uma espécie de ábaco. A representação esquemática do universo dada pela astrologia e pela Árvore da Vida é extremamente valiosa, especialmente quando reforçada e amplificada pela Santa Cabala. Esta Árvore da Vida é suscetível a ramificações infinitas e, no presente contexto, não há necessidade de explorar suas sutilezas. Devemos ser capazes de

criar um diagrama bastante satisfatório para fins elementares tomando como base de nosso exemplo o sistema solar tal como concebido pelos astrólogos.



Eu não sei se o estudante médio está ciente de que, na prática, o significado dos planetas se baseia geralmente nas concepções filosóficas dos deuses gregos e romanos. Vamos esperar pelo melhor e seguir em frente!

8. O planeta Saturno, que representa a anatomia, é o esqueleto: é uma estrutura rígida sobre a qual o resto do corpo é construído. A que qualidades morais isso corresponde? O primeiro ponto de virtude em um osso é sua rigidez, sua resistência à pressão. E assim, em Niyama, descobrimos que precisamos das qualidades de absoluta simplicidade em nosso regime; precisamos de insensibilidade; precisamos de resistência; precisamos de paciência. É simplesmente impossível para qualquer um que não tenha praticado Yoga entender o que o tédio significa. Conheci Yogīs, homens ainda mais santos do que eu (*não! não!*) que, para escapar do tédio insuportável, buscariam refúgio em

uma festa americana de bebidas<sup>12</sup>! É um tédio *fisiológico* que se torna a agonia mais aguda. A tensão se torna cãibra; nada mais importa senão escapar da restrição auto imposta.

Mas todo mal traz seu próprio remédio. Outra qualidade de Saturno é a melancolia; Saturno representa o sofrimento do universo; ele é o Trance do sofrimento que torna alguém determinado a empreender a tarefa da emancipação. Esta é a força energizante da Lei; é a rigidez do fato de que “tudo é sofrimento” é o que move a pessoa para a tarefa, e mantém a pessoa no Caminho.

9. O próximo planeta é Júpiter. Este planeta é em muitos aspectos o oposto de Saturno; ele representa expansão como Saturno representa contração; é o amor universal, o amor abnegado cujo objeto não pode ser menor que o próprio universo. Isso vem para reforçar os poderes de Saturno quando eles agonizam; o sucesso não é para si, mas para todos; pode-se aquiescer no próprio fracasso, mas não se pode ser indigno do universo. Júpiter também representa o elemento vital, criativo e genial do cosmos. Ele tem Ganimedes e Hebe como seus copeiros. Há uma alegria imensa e inacessível na Grande Obra; e é a consecução do trance, até mesmo da antecipação intelectual desse trance, da alegria, que assegura ao Yogī que seu trabalho vale a pena.

Júpiter digere experiências; Júpiter é o Senhor das Forças da Vida; Júpiter toma a matéria comum e a transmuta em alimento celestial.

10. O próximo planeta é Marte. Marte representa o sistema muscular; é a forma mais baixa de energia e, em Niyama, deve ser tido literalmente como a virtude que permite enfrentar e superar as dificuldades físicas da Obra. O ponto prático é este: “O pouquinho a mais e o quanto se tem daquilo, o pouquinho a menos e a quantos mundos se está distante daquilo!”<sup>13</sup>. Não importa quanto tempo você mantenha a água a 99°C sob pressão barométrica normal, ela não vai ferver. Provavelmente serei acusado de anunciar algum tipo de combustível ao falar sobre aquela coisinha a mais que os outros não têm, mas garanto-lhes que não estou sendo pago por isso.

Tomemos o exemplo do Prāṇāyāma, um assunto o qual espero tratar em uma subseqüente lucubração. Suponhamos que você esteja controlando a sua respiração para que seu ciclo de inspiração, retenção e expiração do ar, dure exatamente um minuto. Esse é um trabalho muito bom para a maioria das pessoas, mas pode ou não ser bom o suficiente para você avançar. Ninguém pode lhe dizer até que você tenha tentado por tempo o suficiente (e ninguém pode dizer quanto tempo pode ser “tempo o suficiente”) se vai ou não dar certo. Pode ser que, se você aumentasse seus sessenta segundos para sessenta e quatro, os fenômenos começariam imediatamente. Isso soa razoável,

---

<sup>12</sup> «Uma festa onde cada convidado traz os alimentos e bebidas que irá consumir.»

<sup>13</sup> «Alusão a uma frase de Robert Browning: “Oh, the little more, and how much it is! And the little less, and what worlds away!”»

mas como você quase explodiu seus pulmões fazendo os sessenta, você quer que essa energia adicional produza o resultado. Esse é apenas um exemplo da dificuldade que surge com toda prática.

Marte, além disso, é a energia flamejante da paixão, é a qualidade masculina em seu sentido mais baixo; é a coragem que se torna frenética, e não me importo de dizer-lhes que, pelo menos no meu caso, uma das inibições com a qual eu mais tive de lutar foi o medo de que eu iria enlouquecer. Este foi especialmente o caso quando aqueles fenômenos começaram a ocorrer, o que, registrado a sangue frio, parecia uma loucura. E o Niyama de Marte é a raiva implacável que zomba das cicatrizes enquanto morre por causa das próprias feridas.

“... o lúgubre Senhor de Colonsay  
O jogou no chão,  
E riu em dor cruciante porque o impulso mortal  
Recompensou tão bem sua espada.”

11. O próximo dos corpos celestes é o centro de tudo, o Sol. O Sol é o coração do sistema; ele harmoniza tudo, energiza tudo, comanda tudo. Sua é a coragem e energia que é a fonte de todas as outras formas menores de movimento, e é por isso que ele é calmo em si. Os outros são planetas; ele é uma estrela. Dele todos os planetas vêm; ao redor dele todos se movem, a ele todos eles tendem. É essa centralização de faculdades, seu controle, sua motivação, que é o Niyama do Sol. Ele não é apenas o coração, mas o cérebro do sistema; mas ele não é o cérebro “pensante”, pois nele todo o pensamento foi resolvido na beleza e na harmonia do movimento ordenado.

12. O próximo dos planetas é Vênus. Nela entramos em contato pela primeira vez com uma parte de nossa natureza que não deixa de ser quintessencial, mas que até agora foi mascarada por nossa preocupação com qualidades mais ativas. Vênus assemelha-se a Júpiter, mas em menor escala, representando-o como Marte representa Saturno. Sua natureza é muito próxima da do Sol, e ela pode ser considerada como uma externalização da influência dele em relação à beleza e à harmonia. Vênus é Ísis, a Grande Mãe; Vênus é a própria natureza; Vênus é a soma de todas as possibilidades.

O Niyama correspondente a Vênus é um dos mais importantes e um dos mais difíceis de alcançar. Eu disse a soma de todas as possibilidades, e pedirei a vocês que relembrem o que eu disse antes sobre a definição da Grande Obra em si, o objetivo do Yogī de consumir o casamento de tudo o que ele é com tudo aquilo que ele não é, e finalmente perceber, na medida em que o casamento é consumado, que o que ele é e o que ele não é são idênticos. Portanto, em nosso Yoga, não podemos escolher. Está escrito n’*O Livro da Lei*, Capítulo 1, versículo 22, “Que não haja nenhuma diferença feita entre vós entre qualquer uma coisa & qualquer outra coisa; pois daí vem dor”.

Vênus representa a aceitação extática de toda experiência possível, e a aceitação transcendental de toda experiência particular na experiência única.

Ah, sim, a propósito, não se esqueçam disso. Em um sentido menor, Vênus representa o tato. Muitos dos problemas que confrontam o Yogī são impraticáveis à manipulação intelectual. Eles cedem à graça.

13. Nosso próximo planeta é Mercúrio, e os Niyamas que correspondem a ele são tão incontáveis e diversos quanto suas próprias qualidades. Mercúrio é a Palavra, o Logos no mais alto; ele é o meio direto de conexão entre os opostos; ele é a eletricidade, o próprio elo da vida, o próprio processo do Yoga, seus meios, seu fim. No entanto, ele em si é indiferente quanto a todas as coisas, pois a corrente elétrica é indiferente ao significado das mensagens que podem ser transmitidas por meio dela. O Niyama correspondente a Mercúrio em suas formas mais elevadas pode ser facilmente suposto a partir do que eu já disse, mas na técnica do Yoga ele representa a delicadeza do método que é infinitamente adaptável a todos os problemas, e somente porque é supremamente indiferente. Ele é a sagacidade e ingenuidade que nos ajudam em nossas dificuldades; ele é o sistema mecânico, o simbolismo que ajuda a mente humana do Yogī a tomar conhecimento do que está por vir.

Deve ser observado aqui que, por causa de sua total indiferença a qualquer coisa seja lá o que for (e o pensamento é isso – quando você chega longe o suficiente – apenas um ponto primário de sabedoria) ele não é confiável de modo algum. Um dos perigos mais insondavelmente terríveis do Caminho é que você deve confiar em Mercúrio e, ainda assim, se você confiar nele, certamente será enganado. Eu só consigo explicar isso, se puder, apontando que, uma vez que toda verdade é relativa, toda verdade é falsidade. Em certo sentido, Mercúrio é o grande inimigo; Mercúrio é a mente e é a mente que nos propusemos a conquistar.

14. O último dos sete planetas sagrados é a Lua. A Lua representa a totalidade da nossa parte feminina, o princípio passivo que no entanto é muito diferente do de Vênus, pois a Lua corresponde ao Sol tanto quanto Vênus corresponde a Marte. Ela é mais puramente passiva que Vênus e, embora Vênus seja tão universal, a Lua também é universal em outro sentido. A Lua é o mais alto e o mais baixo; a Lua é a aspiração, o elo do homem com Deus; ela é a suprema pureza: Isis a Virgem, Isis a Virgem Mãe; mas quando necessário, no outro extremo da escala, é um símbolo dos próprios sentidos, o mero instrumento do registro de fenômenos, incapaz de discriminação, incapaz de escolha. O Niyama correspondente à sua influência, o primeiro de todos, é aquela qualidade de aspiração, a pureza positiva que recusa a união com qualquer coisa menor do que o Todo. Na mitologia grega, Ártemis, a Deusa da Lua, é virgem; ela só se entregou a Pã. Aqui há uma lição em particular: à medida em que o Yogī avança, poderes mágicos (os professores os chamam de Siddhiḥ) são oferecidos ao aspirante; se ele aceitar o menor destes – ou mesmo o maior – ele estará perdido.

15. No outro extremo da escala dos Niyamas da Lua estão os fantásticos desenvolvimentos da sensibilidade que assediam o Yogī. Eles ajudam e encorajam; são todos obstáculos intoleráveis; estes são os maiores obstáculos que o ser humano enfrenta,

treinado, como é, por séculos de evolução, para receber toda a sua consciência somente através dos sentidos. E eles nos atingem mais duramente porque interferem diretamente com a técnica do nosso trabalho; estamos constantemente adquirindo novos poderes, a despeito de nós, e toda vez que isso acontece, temos que inventar um novo método para reduzir sua malícia a nada. Mas, como antes, o remédio é feito do mesmo material que a doença; é a inabalável pureza de aspiração que nos permite superar todas essas dificuldades. A Lua é a âncora secundária do nosso trabalho. É o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião que nos permite triunfar, em todos os momentos e de todas as maneiras, conforme for a necessidade da ocasião.

16. Existem dois outros planetas que não são contados entre os sete sagrados. Não vou dizer que eles eram conhecidos pelos antigos e que foram deliberadamente escondidos, embora muito nos seus escritos sugira que esse pode ser o caso. Eu me refiro ao planeta Herschel ou Urano, e Netuno. Qualquer que tenha sido o conhecimento dos antigos, é pelo menos certo que eles deixaram lacunas em seu sistema que foram preenchidas por esses dois planetas com exatidão, além do recém-descoberto Plutão. Eles preenchem essas lacunas assim como os elementos químicos recém-descobertos nos últimos cinquenta anos preenchem as lacunas na tabela da Lei Periódica de Mendeleiev.

17. Herschel representa a mais alta forma da Verdadeira Vontade, e parece natural e correto que ele não seja classificado com os sete planetas sagrados, porque a Verdadeira Vontade é a esfera que os transcende. “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. Herschel define a órbita da estrela, de suas estrelas. Mas Herschel é dinâmico; Herschel é explosivo; Herschel, astrologicamente falando, não se move em uma órbita; ele tem seu próprio caminho. Assim, o Niyama que corresponde a este planeta é, em todos os aspectos, a descoberta da Verdadeira Vontade. Esse conhecimento é secreto e muito sagrado; cada um de vocês precisa incorporar para si a incidência e a qualidade de Herschel. É a mais importante das tarefas do Yogī, porque, até que ele tenha alcançado isso, ele não consegue ter ideia de quem ele é ou para onde está indo.

18. Ainda mais remota e tênue é a influência de Netuno. Aqui temos um Niyama de delicadeza infinita, uma intuição espiritual muito distante de qualquer qualidade humana. Aqui tudo é fantasia, e neste mundo há prazer infinito, perigos infinitos. O Verdadeiro Niyama de Netuno é a faculdade imaginativa, o prenúncio da natureza da luz ilimitada.

Ele tem outra função. O Yogī que entende a influência de Netuno e está sintonizado com Netuno, terá um senso de humor, que é a maior salvaguarda para o Yogī. Netuno está, por assim dizer, na linha de frente; ele tem que se adaptar às dificuldades e tribulações; e quando o recruta perguntar “Quem fez esse buraco”? ele tem que dizer,

sem rir, “Ratos”<sup>14</sup>.

19. Plutão é a maior sentinela de todas; dele não é sábio falar... Tendo agora dado vazão a essa expressão sibilina, obscura e sinistra, pode-se perguntar muito ousadamente: Por que não é sábio falar de Plutão? A resposta é profunda. É porque nada se sabe sobre ele.

De qualquer forma, dificilmente isso importa; nós certamente já falamos o bastante de Niyama por uma noite!

20. Agora é apropriado resumir brevemente o que aprendemos sobre Yama e Niyama. Em certo sentido, eles são as preliminares morais e lógicas da técnica do Yoga propriamente dito. Eles são estratégicos, em oposição às disposições táticas que devem ser feitas pelo aspirante antes que ele tente algo mais sério do que aquilo que podemos chamar de nossos exercícios dos cinco dedos<sup>15</sup> – o treino do recruta com as posturas, exercícios respiratórios e concentração, que as pessoas superficiais supõem confiantemente que formam esta grande ciência e arte.

Vimos que é presunçoso e impraticável estabelecer regras definidas sobre o que devemos fazer. O que nos interessa é organizar as coisas de modo que fiquemos livres para fazer qualquer coisa que se torne necessária ou conveniente, permitindo o desenvolvimento daqueles poderes sobrenaturais que nos permitem realizar nossos planos à medida que se formam no mutável bioscópico dos acontecimentos.

Se alguém me pede um plano prático, eu digo: “Bem, se você precisa ficar na Inglaterra, talvez consiga ter sucesso com um pouco de sorte em uma casa isolada, longe das estradas, se tiver o serviço de um ajudante já bem treinado para lidar com as emergências que possam surgir. Se necessário, alguém bem disciplinado poderia persistir razoavelmente bem numa suíte do hotel Claridge.

Mas contra isso, pode-se dizer que é preciso contar com as forças invisíveis. As coisas mais impossíveis começam a acontecer quando vocês começam. Realmente é insatisfatório iniciar um Yoga sério, a menos que você esteja em um país onde o clima é estável e onde o ar não está poluído pelo fedor da civilização. É extremamente importante, importante acima de tudo, a menos que você se seja uma pessoa extremamente rica, encontrar um país onde os habitantes entendam o modo de vida Yogīn, onde sejam solidários com suas práticas, tratem o aspirante com respeito e discretamente o ajudem e protejam. Em tais circunstâncias, a exigência de Yama e Niyama não é um estresse tão sério.

Há, também, algo além de todos esses detalhes práticos, que é difícil enfatizar sem fazer exatamente aquelas suposições misteriosas que desde o princípio resolvemos

---

<sup>14</sup> «Uma antiga piada de soldados.»

<sup>15</sup> «Exercícios básicos de piano utilizando os cinco dedos.»

evitar. Tudo o que posso dizer é que eu sinto muito, mas este fato em particular vai lhes atingir na cara logo no começo, e eu não vejo por que deveríamos nos preocupar com as suposições misteriosas subjacentes à aceitação do fato mais do que no caso daquilo que é, afinal, igualmente misterioso e insondável: qualquer objeto de qualquer um dos sentidos. O fato é esse; que a pessoa adquira um sentimento – um sentimento bastante irracional – de que um dado lugar ou um dado método é certo ou errado para seus propósitos. A sugestão é tão certa quanto a do espadachim quando ele segura uma arma que ele nunca experimentou; ou ele se sente à vontade com ela na mão, ou não. Vocês não conseguem explicar e não conseguem argumentar contra isso.

21. Eu tratei de Yama e Niyama extensamente porque sua importância tem sido muito subestimada, e suas naturezas completamente incompreendidas. Elas são definitivamente práticas mágicas, com um pequeno toque de sabor místico. A vantagem para nós aqui é que podemos muito bem nos exercitar e nos desenvolver deste modo neste país onde a técnica do Yoga é, para todos os fins práticos, impossível. Incidentalmente, o verdadeiro país de alguém – ou seja, as condições em que por ventura alguém nasce – é o único em que o Yama e o Niyama podem ser praticados. Vocês não conseguem se esquivar dos seus Karmas. Vocês têm que conquistar o direito de se dedicarem ao Yoga adequadamente, organizando tudo para que essa devoção seja um estágio necessário no cumprimento de suas Verdadeiras Vontades. No Hindustão não é permitido tornar-se “Sanyāsī” – um recluso – até que se tenha cumprido o seu dever para com seu próprio ambiente – daí a César o que é de César antes de dar a Deus o que é de Deus.

Ai daquele aborto de sete meses que pensa tirar proveito dos acidentes do nascimento, e, zombando do chamado do dever, foge para encarar uma muralha vazia na China<sup>16</sup>! Yama e Niyama só são os estágios mais críticos do Yoga porque não podem ser traduzidos em termos de um currículo escolar. Tampouco truques de meninos que vão à escola podem servir adequadamente de desculpa para o aspirante evitar os deveres da hombridade. Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Alegrai-vos, verdadeiros homens, porque isso é assim!

Porque pelo menos isso pode ser dito: que há resultados a serem obtidos desta maneira que não apenas tornam o aspirante apto para a verdadeira batalha, como também o introduzirão a classes de fenômenos até então inimagináveis cujo impacto preparará sua mente para aquele tremendo choque de sua própria derrubada completa que marca o primeiro resultado crítico das práticas do Yoga.

---

<sup>16</sup> «De acordo com Hymenaeus Beta, essa é uma referência a Gerald J. Yorke, que nasceu prematuramente aos sete meses e foi autor do livro *China Changes*, de 1936. Embora tenha sido um amigo de Crowley e um dos principais responsáveis pela preservação de seu acervo literário após sua morte, Yorke havia se desligado da A.∴A.∴ e renunciado a Thelema. No dia da terceira palestra da segunda série, 3 de março de 1937, Crowley escreveu em seu diário: “Yorke realmente é um merda notável. Um espécime de museu.”»

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

## QUARTA PALESTRA: ĀSANA E PRĀṆĀYĀMA

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

1. Na semana passada, fomos embora sentindo que exaurimos o assunto. Nós nos livramos de maus caminhos, de maus cônjuges e do mau tempo. Estamos confortavelmente instalados ao sol, sem ninguém para nos incomodar. Não temos nada a fazer senão o nosso trabalho.

Sendo essa a nossa afortunada situação, podemos de maneira útil dedicar uma hora à consideração do nosso próximo passo. Lembremo-nos, em primeiro lugar, daquilo que decidimos ser a quintessência da nossa tarefa. Aniquilar a individualidade. “Deem lugar para mim”, grita o poeta persa cujo nome esqueci, traduzido pelo tal de Fitzgerald, não Omar Caïam: “Deem lugar para mim naquele divã que não tem espaço para dois” – uma notável antecipação profética dos minúsculos flats de luxo.

Devemos unir o sujeito e o objeto da consciência no êxtase que logo se transformará, como veremos mais adiante, no mais sublime estado de indiferença, e então aniquilar tanto o grupo da primeira parte mencionada quanto o grupo da segunda parte mencionada acima. Isso evidentemente resulta em mais grupos – quase se pode dizer festas de coquetéis – aumentando constantemente até chegarmos ao infinito, e aniquilamos isso, recuperando assim nosso Nada original. No entanto, esse Nada é idêntico ao original? Sim e Não! Não! Não! Mil vezes não! Pois, tendo cumprido todas as possibilidades daquele Nada original de manifestar-se em termos positivos, nós assim matamos para sempre todas as suas possibilidades de erro.

Sendo a nossa tarefa assim perfeitamente simples, não precisaremos da ajuda de um monte de Ṛṣis e Sanyāsīs nojentos. Não pediremos instrução a uma multidão de Arhats comidos por traças, a Bodhisattvas que mastigam bétele. Como dissemos no primeiro número do primeiro volume do *The Equinox*:

“Nós não confiamos em  
Nenhuma Virgem ou Pombo;  
Nosso método é ciência  
Nosso objetivo é religião”

Nosso senso comum, conduzido pela experiência baseada na observação, será o suficiente.

2. Vimos que o processo do Yoga está implícito em todos os fenômenos da existência. Tudo o que temos que fazer é estendê-lo conscientemente ao processo do pensamento. Vimos que o pensamento não pode existir sem mudança contínua; tudo o que precisamos fazer é impedir que as mudanças ocorram. Toda mudança está condicionada ao tempo e ao espaço e a outras categorias; qualquer objeto existente deve ser

suscetível de descrição por meio de um sistema de eixos coordenados.

Uma vez, no *terrasse* do Cafe des Deux Magots, foi necessário proclamar toda a doutrina do Yoga com o menor número possível de palavras “com um grito, e com a voz do arcanjo, e com a trombeta de Deus”. Primeira Epístola de São Paulo aos Tessalonicenses, Quarto Capítulo e Décimo-sexto Versículo. Eu assim fiz.

“Sente-se imóvel. Pare de pensar. Cale-se. Caia fora!”

As duas primeiras dessas instruções compreendem toda a técnica do Yoga. As duas últimas são de tal sublimidade que seria inadequado expô-las neste atual estágio elementar.

A injunção “Sente-se imóvel” destina-se a incluir a inibição de todos os estímulos corporais capazes de criar movimento na consciência. A injunção “Pare de pensar” é a extensão disso para todos os estímulos mentais. É desnecessário discutir aqui se a segunda pode existir separada da primeira. É no mínimo evidente que muitos processos mentais surgem de processos físicos; e assim percorreremos ao menos um pouco da estrada se checarmos o corpo.

3. Deixe-me divagar por um momento e afastar um mal-entendido que certamente ocorrerá a toda mente anglo-saxônica. A pior herança da emasculada escola de místicos é a abominável confusão mental que surge da ideia de que as funções e os apetites corporais têm alguma implicação moral. Isso é uma confusão dos planos. Não há discriminação verdadeira entre o bem e o mal. A única questão que surge é a de conveniência em relação a qualquer operação proposta. Toda a bagagem moral e religiosa das eras deve ser descartada para sempre antes de tentar o Yoga. Vocês logo descobrirão o que significa agir errado; de acordo com a nossa própria tese toda ação é errada. Qualquer ação só está relativamente certa na medida em que pode nos ajudar a pôr fim a todo o processo de ação.

Portanto, as ações relativamente úteis são aquelas que contribuem para o controle, ou “virtude”. Elas foram classificadas, inteiramente sem poupar esforços, em enorme volume e com a maior complexidade; até tal ponto que, de fato, meramente permitir-se estudar a nomenclatura dos vários sistemas pode ter apenas um resultado: confundir seu cérebro pelo resto de sua encarnação.

4. Vou tentar simplificar. As principais categorias são:

- a) *Āsana*, geralmente traduzido como “postura” e
- b) *Prāṇāyāma*, geralmente traduzido como “controle da respiração”.

Essas traduções, como sempre, estão perfeitamente erradas e são inadequadas. O verdadeiro objetivo do *Āsana* é o controle do sistema muscular, consciente e inconsciente, de modo que nenhuma mensagem do corpo possa alcançar a mente. *Āsana* diz

respeito ao aspecto estático do corpo. Prāṇāyāma na verdade é o controle do aspecto dinâmico do corpo.

Há algo um pouco paradoxal na situação. O objetivo do processo do Yoga é parar todos os processos, inclusive o próprio Yoga. Mas não é suficiente que o Yogī se dê um tiro, porque fazê-lo seria destruir o controle e assim liberar as energias que produzem dor. Não podemos entrar em uma discussão metafísica sobre o que é aquilo que controla, ou antes de sabermos onde estamos, seremos apanhados por hipóteses sobre a alma.

5. Vamos esquecer toda essa baboseira e decidir o que deve ser feito. Vimos que parar os processos existentes por um ato de violência é simplesmente liberar os elementos indesejáveis. Se queremos paz em Dartmoor<sup>17</sup>, não abrimos as portas da prisão. O que fazemos é estabelecer rotina. O que é rotina? Rotina é ritmo. Se vocês querem ir dormir, vocês se livram de ruídos irregulares e inesperados. O que se quer é uma canção de ninar. Vocês imaginam carneiros pulando uma cerca, ou eleitores em cabines de voto. Quando vocês se acostumam, até a regularidade dos motores de um trem ou de um navio a vapor lhes acalma. O que temos que fazer com as funções existentes do corpo é torná-las tão regulares, com lentidão cada vez maior, que nos tornamos inconscientes de sua operação.

6. Vamos tratar primeiro da questão do Āsana. Pode-se pensar que nada seria mais reconfortante do que se balançar ou receber uma massagem gentil. De certo modo, e até certo ponto, isso é verdade. Mas a atividade não pode continuar porque a fadiga sobrevém e, mais cedo ou mais tarde, o corpo protesta indo dormir. Portanto, desde o começo devemos nos determinar a reduzir o ritmo corporal ao mínimo.

7. Não tenho certeza se é filosoficamente defensável, se é logicamente justificável, afirmar os princípios do Āsana conforme eles ocorrem em nossa prática. Devemos romper com os nossos *sorites*<sup>18</sup>, voltarmo-nos ao empirismo do experimento e confiar que um dia poderemos voltar do fato observado a uma metafísica coerente.

O ponto é que sentando imóvel, no sentido óbvio e literal das palavras, o corpo finalmente responde à exortação do grande Mahātmā Harry Lauder, “Pare de fazer cócegas, Jock!”<sup>19</sup>”

8. Quando abordamos os detalhes do Āsana, somos imediatamente confrontados com o monte de lixo do pedantismo hindu. Constantemente nos aproximamos da atitude espiritual tradicional da falecida Rainha Vitória. Os únicos tipos de Āsana que

---

<sup>17</sup> «Uma cidade inglesa que possui um presídio de mesmo nome.»

<sup>18</sup> «O paradoxo do monte: se você remover os grãos de areia de um monte de areia, em que momento ele deixa de ser um monte?»

<sup>19</sup> «“Stop your ticklin’, Jock!”», uma canção debochada de Harry Lauder.»

oferecem o mais transitório interesse são aqueles dos quais eu não vou falar nada, porque eles não têm nada a ver com o tipo elevado de Yoga que estou apresentando a esta distinta audiência. Eu deveria me envergonhar em fazer o contrário. De qualquer forma, quem é que quer saber sobre essas posturas ridículas? Se há alguma diversão no assunto, é a diversão de descobri-las. Devo admitir que, se você começar com um problema como o de justapor a parte de trás de sua cabeça e ombros com a parte de trás da cabeça e dos ombros da outra pessoa em questão<sup>20</sup>, a conquista produz certa satisfação. Mas eu penso que isso é na maior parte vaidade, e não tem nada a ver, como eu disse antes, com o que estamos tentando falar.

9. O valor das várias posturas recomendadas pelos professores do Yoga depende, em grande parte, da anatomia hindu e das teorias místicas relativas às propriedades terapêuticas e taumatúrgicas atribuídas a diversas partes do corpo. Por exemplo, se vocês puderem conquistar o nervo Uḍāna, vocês poderão caminhar sobre a água. Mas quem diabos quer caminhar sobre a água? Nadar é muito mais divertido. (Eu desconsidero os tubarões, arraias, chocos, enguias elétricas e piranhas. Também turistas, as belas banhistas<sup>21</sup> e o Sr. Lansbury.) Ou ainda, congelem a água e dancem sobre ela! Uma grande parte do esforço hindu parece consistir em descobrir o caminho mais difícil possível para alcançar o fim mais indesejável.

10. Quando vocês começarem a se enrolar com isso, verão que algumas posições são muito mais difíceis e inconvenientes do que outras; mas isso é só o começo. Se vocês mantiverem *qualquer* postura por tempo suficiente, terão câimbras. Eu não me lembro das estatísticas exatas, mas lembro que o esforço muscular feito por um homem que dorme pacificamente na cama é suficiente para levantar catorze elefantes por hora na estratosfera. De qualquer forma, lembro que é algo difícil de acreditar, até porque eu mesmo não acreditei.

11. Por que então devemos nos preocupar em escolher uma posição especialmente sagrada? Em primeiro lugar, queremos ficar estáveis e à vontade. Em particular, queremos poder fazer Prāṇāyāma nessa posição, se chegarmos ao ponto de tentar essa prática. Portanto, podemos formular (a grosso modo) as seguintes condições desejáveis na postura:

- a) Queremos ficar devidamente equilibrados.
- b) Queremos ficar com nossos braços livres. (Eles são usados em alguns Prāṇāyāmas.)
- c) Queremos que nosso aparato respiratório seja restringido o mínimo possível.

Agora, se vocês mantiverem esses pontos em mente, e não se distraírem com

---

<sup>20</sup> *In coitu*, é claro. – ED.

<sup>21</sup> «*Bathing belles* ou *bathing beauties*, um concurso de beleza organizado na época»

ideias completamente irrelevantes, como por exemplo imaginar que estão ficando mais santos adotando alguma posição tradicionalmente apropriada a uma divindade ou homem santo; e se vocês se absterem da abominação puritana de que qualquer coisa é boa para vocês, se doer o suficiente; vocês devem ser capazes de descobrir por si sós, depois de alguns experimentos, alguma postura que satisfaça essas condições. Eu prefiro muito mais que vocês façam isso do que me procurem esperando algum tipo de autoridade sem sentido. Eu não sou nenhum pukka sahib caçador de javalis – nem mesmo de Pune – para colocar meu hifenizado ha-ha sobre o B. Público<sup>22</sup>. Eu prefiro que vocês façam a coisa “errada” por si mesmos, e aprendam com seus erros, do que fazer “certo” porque o professor falou e atrofiar sua iniciativa e sua faculdade de aprender alguma coisa.

No entanto, é perfeitamente compreensível que vocês devam ter alguma ideia do que acontece quando vocês se sentam para praticar.

12. Deixem-me divagar por um momento e referir ao que eu disse no meu manual sobre Magia<sup>23</sup> em relação à fórmula de IAO. Esta fórmula cobre todo o aprendizado. Você começa com uma sensação deliciosa de uma criança com um novo brinquedo; você fica entediado e tenta quebrá-lo. Mas se você for uma criança sábia, você mantém uma atitude científica em relação ao brinquedo, e você não o quebra. Você passa pelo estágio do tédio e levanta do inferno da tortura em direção ao estágio da ressurreição, quando o brinquedo se tornou um deus, declarou a você seus segredos mais íntimos e se tornou uma parte viva de sua vida. Não há mais essas reações cruas e selvagens de prazer e dor. O novo conhecimento é assimilado.

13. Assim é com Āsana. A postura escolhida lhe atrai; você ronrona com autossatisfação. Quão esperto você foi! Quão bem a postura atende a todas as condições! Você absolutamente derrete de emoção com felicidade. Eu conheço alunos que foram traídos em gentilmente pensar que eram melhores do que o Professor! Está claro que há algo de errado nisso. Felizmente, o Tempo, o grande médico, está trabalhando como de costume; o Tempo não folga nos fins de semana; o Tempo não para e admira a si mesmo; o Tempo segue em frente<sup>24</sup>. Logo vocês esquecem tudo sobre o prazer das coisas, e não seria nada educado lhes dar uma ideia do que vocês vão pensar do Professor.

14. Talvez a primeira coisa que vocês percebam é que, embora tenham começado no que aparentemente é a posição mais confortável, há uma tendência dessa posição mudar sem informá-los. Por exemplo, se você estiver sentado na posição de “deus” com os joelhos juntos, em alguns minutos você descobrirá que eles se moveram levemente, sem que você percebesse. Freud sem dúvida informaria que isso se deve a

---

<sup>22</sup> Um Yeats-Brown. O que são Yeats? Browne, é claro, e Kennedy.

<sup>23</sup> «Magick, no original, uma palavra utilizada pelo autor para diferenciar a “mágica” de ilusionistas de circo da “magia”.»

<sup>24</sup> Um Grande Pensador uma vez disse: “O tempo *marcha* adiante”. Que frase feliz!

uma exacerbação instintiva de infantis teorias sexuais. Espero que ninguém aqui me incomode com esse tipo de bobagem nauseante.

15. Agora, para manter uma posição, é necessário prestar atenção nela. Ou seja: vocês vão se tornar conscientes do seu corpo de maneiras que vocês não estão conscientes se estiverem envolvidos em alguma atividade mental absorvente, ou mesmo em alguma atividade puramente física, como correr. À primeira vista parece paradoxal, mas o exercício violento, longe de concentrar a atenção no corpo, a afasta. Isso porque o exercício tem seu próprio ritmo; e, como eu disse, o ritmo está na metade do caminho até o Silêncio.

Muito bem então; na relativa quietude do corpo, o estudante perceberá sons diminutos que não o perturbavam em sua vida cotidiana. Pelo menos não quando sua mente estava ocupada com assuntos de interesse dela. Vocês começarão a inquietar-se, a ter coceiras, a tossir. Possivelmente sua respiração começará a aplicar truques a vocês. Todos esses sintomas devem ser reprimidos. O processo de reprimi-los é extremamente difícil; e, como todas as outras formas de repressão, leva a um terrível exagero dos fenômenos que pretende reprimir.

16. Há muitos pequenos truques, que são familiares para a maioria das pessoas da ciência, desde seus dias de estudante. Alguns deles são muito importantes nessa conexão do Yoga. Por exemplo, em termos de resistência, como segurar um peso a uma distância de um braço, geralmente você pode vencer um homem mais forte que você. Se você prestar atenção ao seu braço, você provavelmente se cansará em um minuto; se você fixar sua mente resolutamente em outra coisa, pode continuar por cinco minutos ou dez, ou até mais. É uma questão de ativo e passivo; quando o Āsana começa a incomodá-lo, a resposta é incomodá-lo de volta, confrontar o pensamento passivo de aliviar a irritação e a perturbação com o pensamento ativo de controlar o diminuto movimento muscular.

17. Não acredito que existam quaisquer regras para fazer isso que sejam de alguma utilidade para vocês. Existem inúmeros pequenos truques que vocês podem tentar; só que, como no caso da postura, é melhor se vocês inventarem seus próprios truques. Mencionarei apenas um: enrolem a língua para trás em direção à úvula, e ao mesmo tempo façam os olhos convergirem em direção a um ponto imaginário no centro da testa. Há todo tipo de santidade indicada nessa posição, e inúmeros precedentes por parte das divindades mais respeitáveis. Por favor, esqueçam todo esse absurdo! A vantagem é simplesmente que sua atenção é forçada a manter essa posição incômoda. Vocês se tornam conscientes mais cedo do que o normal sobre qualquer relaxamento; e assim vocês mostram ao resto do corpo que não adianta tentar perturbá-los com sua irritabilidade.

Mas não há regras. Eu disse que não havia, e não há. Só a mente humana é tão preguiçosa e inútil que é um instinto positivo tentar encontrar alguma esQUIVA para

escapar do trabalho duro.

Esses truques podem ajudar ou podem atrapalhar; cabe a vocês descobrirem quais são bons e quais são ruins, o porquê e o quê e todas as outras perguntas. Tudo dá na mesma coisa no final. Há apenas uma maneira de acalmar o corpo a longo prazo: mantê-lo imóvel. Ser obstinado como ele.

18. As irritações se desenvolvem em extrema agonia. Qualquer tentativa de aliviá-las simplesmente destrói o valor da prática. Devo particularmente alertar o aspirante contra a racionalização (*conheci* pessoas que eram tão irremediavelmente idiotas que racionalizavam). Eles pensavam: “Ah, bem, essa posição não é tão adequada para mim quanto eu achei que era. Eu estraguei a posição do Íbis; vou tentar a posição do Dragão”. Mas o Íbis persistiu e alcançou sua divindade ao ficar de pé sobre uma perna ao longo dos séculos. Se você for para o Dragão, ele vai devorá-lo.

19. É através da perversidade da natureza humana que a agonia mais aguda parece ocorrer quando você está a um dedo de distância do sucesso. Lembrem-se de Galípoli! Estou inclinado a pensar que pode ser uma espécie de sintoma que alguém esteja próximo do ponto crítico quando a angústia se torna intolerável.

Vocês provavelmente perguntarão o que “intolerável” significa. Eu respondo de maneira rude: “Descubram!” Mas, afinal de contas, posso lhes dar alguma ideia do que é se eu disser que nos últimos meses do meu próprio trabalho eu costumava levar dez minutos (depois da prática) para esticar minha perna esquerda. Eu segurava o tornozelo com as duas mãos e aliviava uma fração de milímetro de cada vez.

20. Neste momento a banda começa a tocar. De repente, a dor para. Uma sensação inefável de alívio varre o Yogī – percebam que eu não o chamo mais de “estudante” ou “aspirante” – e ele se torna consciente de um fato muito estranho. Não apenas essa posição lhe causava dor, mas todas as outras sensações corporais que ele já experimentou na vida são da natureza da dor, e só foram suportadas por ele pelo expediente de constantemente alternar de uma para a outra.

Ele está à vontade; porque, pela primeira vez em sua vida, ele realmente se tornou inconsciente do corpo. A vida tem sido um sofrimento sem fim; e agora, no que diz respeito a este Āsana particular, a peste foi abatida.

Eu sinto que não consegui transmitir o significado completo disso. O fato é que as palavras são totalmente inadequadas. É impossível descrever o completo e alegre despertar do pesadelo ininterrupto e duradouro do desconforto físico.

21. Os resultados e o domínio do Āsana são úteis não apenas no curso da consecução do Yoga, mas também nos assuntos mais comuns da vida. A qualquer momento, quando estiver cansado, você só tem que assumir seu Āsana, e você ficará completamente descansado. É como se a obtenção do domínio tivesse esgotado todas as

possibilidades de dor física inerentes àquela posição específica. Os ensinamentos da fisiologia não contradizem essa hipótese.

A conquista de Āsana contribui para a resistência. Se você mantiver a prática constante, deverá descobrir que cerca de dez minutos na postura descansam tanto quanto uma boa noite de sono.

Assim tratamos do obstáculo do corpo considerado como estático. Vamos agora voltar nossa atenção para a conquista de seu aspecto dinâmico.

22. É sempre agradável tratar de um assunto como o Prāṇāyāma. Prāṇāyāma significa controle da força. É um termo generalizado. No sistema hindu, há muitos substratos sutis das várias energias do corpo que receberam nomes e propriedades. Não proponho tratar de todos eles. Existem apenas dois que têm muita importância prática na vida. Um deles não deve ser comunicado ao público em um país podre como este; o outro é o bem conhecido “controle da respiração”.

Isso simplesmente significa que você arranja um cronômetro e escolhe um ciclo de expiração e inspiração do ar. Ambas as operações devem ser feitas o mais completamente possível. O sistema muscular deve auxiliar ao máximo na expansão e contração dos pulmões.

Quando vocês tornarem esse processo lento e regular, por exemplo, 30 segundos expirando e 15 inspirando, vocês podem adicionar alguns segundos em que o ar é retido, dentro ou fora dos pulmões.

(A propósito, dizem que a operação de expiração deve durar cerca de duas vezes mais do que a de inspirar, a teoria é que expirar rapidamente pode trazer uma perda de energia. Eu acho que isso faz sentido.)

23. Existem outras práticas. Por exemplo, poder-se-ia tornar a respiração o mais rápido e superficial possível. Qualquer boa prática provavelmente produzirá seus próprios fenômenos, mas de acordo com a tese geral destas palestras, acho que será óbvio que a prática apropriada terá como objetivo manter a respiração por um período tão longo quanto possível – porque essa condição representará a máxima aproximação possível da completa quietude do aparato fisiológico. Claro que não estamos parando-o; nós não estamos fazendo nada do tipo. Mas pelo menos estamos nos iludindo em pensar que estamos fazendo isso, e o ponto é que, de acordo com a tradição, se você conseguir manter a mente quieta por até doze segundos, obterá um dos maiores resultados do Yoga. É certamente um fato que quando você está fazendo um ciclo de 20 segundos de expiração, 10 de inspiração e 30 de retenção, há um período muito longo durante o período de espera, quando a mente tende a parar suas malignas operações. No momento em que este ciclo se tornar habitual, vocês serão capazes de reconhecer instintivamente a chegada do momento em que vocês podem se lançar repentinamente no ato mental de concentração. Em outras palavras, por Āsana e Prāṇāyāma, vocês trabalharam para

chegar em uma posição onde vocês estão livres, mesmo que por apenas alguns segundos, para tentar os verdadeiros processos do Yoga, cuja tentativa era anteriormente impedida pelas atividades distrativas dos sistemas respiratório e muscular.

24. E aí? Sim. Prāṇāyāma pode ser descrito como diversão, pura e agradável. Ainda com pouco tempo de prática, é quase certo que coisas começarão a acontecer, embora isso, lamento observar, seja diversão para vocês, mas seja morte para o Yoga.

Os resultados físicos clássicos do Prāṇāyāma são geralmente divididos em quatro etapas:

(a) Transpiração. Esta não é a transpiração comum que advém de exercício violento; ela tem propriedades peculiares, e não vou lhes dizer quais são, porque é muito melhor que vocês realizem as práticas, obtenham a experiência e venham até mim com a informação vocês mesmos. Desta forma, vocês saberão que alcançaram a coisa certa, ao passo que, se eu lhes dissesse agora, vocês provavelmente a imaginariam.

(b) Rigidez automática: o corpo fica imóvel, como resultado de um espasmo. Isso é perfeitamente normal e previsível. É costumeiro fazê-lo com um cachorro. Você o coloca em uma redoma de vidro, bombeia oxigênio ou ácido carbônico ou algo assim, e o cachorro fica rígido. Você pode tirá-lo e balançá-lo segurando por uma perna como se ele estivesse congelado. Isso não é exatamente a mesma coisa, mas é próximo.

25. Os homens da ciência são terrivelmente deficientes em todas as investigações por terem sido treinados para ignorar o incomensurável. Todos os fenômenos têm qualidades sutis que atualmente não são suscetíveis a qualquer método científico adequado de investigação. Podemos imitar os processos da natureza no laboratório, mas a imitação nem sempre é exatamente idêntica ao original. Por exemplo, o Professor J. B. S. Haldane tentou algumas das experiências sugeridas no *The Equinox* relativas a Prāṇāyāma, e quase se matou no processo. Ele não viu a diferença entre o experimento com o cão e os fenômenos que sobrevêm como o clímax de um curso de operação suave. É a diferença entre a alegria produzida ao sorver um vinho Clos de Vougeot de dez anos e a loucura de encher a cara com whisky de milho. É a mesma tolice de pensar que cheirar cocaína é um processo mais saudável do que mastigar folhas de coca. Eles exclamam que a cocaína é quimicamente pura! A cocaína é o princípio ativo! Nós certamente não queremos essas folhas desagradáveis, onde a nossa droga sagrada se mistura com um monte de coisas vegetais que desafiam a análise, e que não podem ter qualquer utilidade por essa razão! Essa rigidez automática, ou Sūkshma Kumbhaka, não é meramente definida como a ocorrência de rigidez fisiológica. Esse é apenas o sintoma mais grosseiro.

26. O terceiro estágio é marcado por Bhūcarī Siddhi: “o poder de pular como um sapo” seria uma tradução grosseira dessa palavra fascinante. Este é um fenômeno muito extraordinário. Você está sentado no chão e começa a ser levantado para aqui e ali, assim como as folhas secas são levadas pela brisa. Isso de fato acontece; você está

mentalmente normal o bastante para poder se observar fazendo isso.

A explicação natural é que seus músculos estão fazendo movimentos espasmódicos curtos muito rápidos sem que você tenha consciência do fato. O cão nos ajuda novamente fazendo contorções semelhantes. Contra isso, pode-se argumentar que sua mente parece perfeitamente normal. No entanto, há um ponto particular de consciência, a sensação de perda quase total do peso. A propósito, isso pode soar um pouco alarmante para o alienista instruído. Há um sentimento semelhante que ocorre em certos tipos de insanidade.

27. O quarto estado é a Levitação. Os hindus afirmam que “saltar como um sapo” implica uma perda de peso genuína, e que o salto é principalmente lateral porque você não aperfeiçoou o processo. Se você estivesse absolutamente equilibrado, eles afirmam que você subiria silenciosamente no ar.

Eu não sei nada sobre isso. Eu nunca vi isso acontecer. Por outro lado, muitas vezes senti como se isso estivesse acontecendo; e em três ocasiões pessoas confiáveis, pelo menos comparativamente, disseram que viram isso acontecer comigo. Eu acho que isso não prova nada.

28. Estas práticas, Āsana e Prāṇāyāma, são, em certa medida, mecânicas e, nessa medida, é possível a um homem de extraordinária força de vontade, com muito tempo livre e sem empecilhos, fazer boa parte do trabalho do Yoga, até mesmo na Inglaterra. Mas eu devo aconselhá-los a se ater estritamente à preparação puramente física, e de modo algum a tentar as práticas de concentração propriamente ditas, até que ele seja capaz de adquirir um ambiente adequado.

Mas que ele não imagine que, ao fazer essa indulgência excepcional, defenderei quaisquer maneiras desleixadas. Se ele decidir fazer, digamos, quinze minutos de Āsana duas vezes por dia, aumentando para uma hora quatro vezes ao dia, e Prāṇāyāma na mesma proporção, ele tem que se dedicar a isso – não se deve permitir que nenhum coquetel, partida de futebol ou funeral de conhecidos interfira com a rotina. O regime, a aquisição do hábito do controle, é uma coisa muito mais importante do que qualquer mero sucesso nas próprias práticas. Eu preferiria que vocês oscilassem pela hora inteira marcada do que permanecessem imóveis por cinquenta e nove minutos. O motivo disso só será aparente quando chegarmos à consideração do Yoga avançado, um assunto que pode ser adequadamente tratado em uma segunda série de quatro palestras. Apenas por pedido especial, e espero sinceramente que nada disso aconteça.

29. Antes de propor um voto de agradecimento ao palestrante por sua exposição extraordinariamente brilhante destes assuntos tão difíceis, eu gostaria de acrescentar algumas palavras sobre o assunto do Mantra-Yoga, porque este é na verdade um ramo do Prāṇāyāma, e um que é possível praticar bastante bem neste país. Eu o descrevi o

suficiente, e com exemplos, na Parte I do *Livro IV*<sup>25</sup>. Só preciso dizer aqui que seu uso constante, dia e noite, sem um momento de cessação, é provavelmente um método tão útil quanto se poderia encontrar de preparar a corrente de pensamento para assumir uma forma rítmica, e o ritmo é a grande cura para irregularidade. Uma vez estabelecido, nenhuma interferência o impedirá. Sua própria tendência natural é desacelerar, como um pêndulo, até o tempo parar, e a sequência de impressões que constitui nossas apreensões intelectuais do universo é substituída por aquela forma de consciência (ou inconsciência, se vocês preferirem, não que qualquer um destes dê a menor ideia do que se entende por isso) que é sem qualquer tipo de condição e, portanto, representa perfeitamente a consumação do Yoga.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

---

<sup>25</sup> «*Liber ABA, Magick, O Livro Quatro: Parte I: Meditação. Editora Penumbra, 2020.*»



*Yoga  
para  
Covardes<sup>26</sup>*

---

<sup>26</sup> «*Yellowbellies* (barrigas-amarelas) no original: um termo que pode ser usado para designar os habitantes do condado de Lincolnshire, na Inglaterra, mas que é empregado com mais frequência para referir a uma pessoa covarde.»



# PRIMEIRA PALESTRA

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

Vamos começar esta noite retomando brevemente o que foi discutido nas minhas primeiras quatro palestras. Eu lhes disse que Yoga significava união, e que essa união era a causa de todos os fenômenos. Consciência é o resultado da conjunção de um estímulo misterioso com um sensorio misterioso. O tipo de Yoga que é o assunto dessas observações é apenas uma expansão disso, a união da autoconsciência com o universo.

Nós falamos dos oito membros do Yoga e tratamos dos quatro que se referem ao treinamento e às experiências físicas.

Os quatro restantes tratam do treinamento e experiências mentais, e formam o assunto das observações que se seguem.

2. Antes de tratarmos deles em detalhes, acho que seria útil considerar a fórmula do Yoga a partir do que pode ser chamado de ponto de vista matemático ou mágico. Esta fórmula foi descrita em meu manual sobre Magia<sup>27</sup>, Capítulo III, a fórmula do Tetragrammaton. Esta fórmula abrange todo o universo das operações mágicas. A palavra, geralmente pronunciada Jeová, é chamada de Nome Indizível; alega-se que, quando pronunciada com precisão, suas vibrações destruiriam o universo; e isso realmente é verdade, quando consideramos a interpretação mais profunda.

O Tetragrammaton tem esse nome por causa das quatro letras da palavra: Yod, He, Vau e He. Compara-se isso com as relações de uma família – Yod, o Pai; He, a Mãe; Vau, o filho; e He final, a Filha. (Ela é às vezes distinguida de sua mãe por escrito inserindo um pequeno ponto na letra.) Isso também é uma referência aos elementos fogo, água, ar e terra. Eu posso ir além e dizer que todas as coisas existentes possíveis devem ser classificadas como relacionadas a um ou mais desses elementos por conveniência em certas operações. Mas essas quatro letras, embora em certo sentido representem a estrutura eterna, não são, por assim dizer, originais. Por exemplo, quando colocamos o Tetragrammaton sobre a Árvore da Vida<sup>28</sup>, as Dez Sefiroth ou números, não incluímos a primeira Sefirah. Yod se refere à segunda, He à terceira, Vau ao grupo de 4 a 9, e He final à décima. Diz-se que o número 1 é simbolizado pelo ponto mais alto do Yod.

É somente na de nº 10 que temos o universo manifesto, que é assim mostrado como o resultado do Yoga das outras forças, das três primeiras letras do nome, dos elementos ativos, fogo, água e ar. (Estas são as três “letras-mães” no alfabeto hebraico.)

---

<sup>27</sup> «*Magick* no original. Crowley empregava esta palavra para diferir a magia dos iniciados da mágica dos ilusionistas. O manual mencionado é o *Liber ABA, Magick, O Livro Quatro: Parte III: Magia em Teoria e Prática*. Editora Penumbra, 2020.»

<sup>28</sup> «Consulte a figura na página 57.»

O último elemento, terra, é geralmente considerado como uma espécie de consolidação dos três; mas isso é uma maneira insatisfatória de considerá-lo, porque se admitirmos a realidade do universo, entramos no caos filosófico. No entanto, isso não nos diz respeito agora.

3. Quando aplicamos esses símbolos ao Yoga, descobrimos que o fogo representa o Yogī e a água o objeto de sua meditação. (Se quiser, vocês podem reverter essas atribuições. Não faz diferença, exceto para o metafísico. E só faz um pouco!)

O Yod e o He se combinam, o Pai e a Mãe se unem, para produzir um filho, Vau. Esse filho é o estado de espírito exaltado produzido pela união do sujeito e do objeto. Este estado de espírito é chamado Samādhi na terminologia hindu. Ele tem diversas variedades, de sublimidade sempre crescente; mas é o termo genérico que implica esta união que é o assunto do Yoga. Neste ponto, devemos lembrar do pequeno e pobre He final, que representa o êxtase – devo dizer o orgasmo? – e a sua absorção: a compensação que o anula. Eu acho muito difícil de me expressar. Essa é uma daquelas ideias que estão enraizadas profundamente em minha mente como resultado de constante meditação, e sinto que estou sendo inteiramente débil quando digo que a melhor tradução da letra He final seria “êxtase se elevando em Silêncio”. Moral da história: meditem e trabalhem vocês mesmos! No final das contas não há outro caminho.

4. Eu acho que é muito importante, já que estamos estudando Yoga do ponto de vista estritamente científico, enfatizar a exatidão da analogia que existe entre o Yoga e o processo sexual. Se vocês observarem a Árvore da Vida, verão que o Número Um no topo se divide nos Números Dois e Três, os iguais e opostos Pai e Mãe, e sua união resulta na complexidade do Filho, o Grupo do Vau, enquanto a figura inteira recupera sua simplicidade na Sephirah única de He final, da Filha.

Na biologia é exatamente a mesma coisa. Biologicamente, o espermatozoide e o óvulo são a separação de uma única célula não-manifestada, que em sua função é simples, embora contenha em si mesma, de forma latente, todas as possibilidades da célula única original. Sua união resulta na manifestação dessas qualidades na criança. Suas potencialidades são expressadas e desenvolvidas em termos de tempo e espaço, enquanto também, acompanhando o ato de união, há o êxtase que é o resultado natural da consciência de sua aniquilação, a condição necessária para a produção de sua prole.

5. Seria fácil desenvolver esta tese por analogias extraídas das experiências humanas comuns do crescimento da paixão, da fome que a acompanha, do intenso alívio e alegria proporcionados pela satisfação. Eu prefiro pensar no fato de que toda religião verdadeira tem sido a representação artística e dramática do processo sexual, não apenas por causa da utilidade desse culto na vida tribal, mas como o véu desse significado mais verdadeiro que estou explicando para vocês hoje à noite. Penso que toda experiência na vida deve ser considerada como um símbolo da experiência mais verdadeira, da vida mais profunda. No Juramento de um Mestre do Templo, ocorre a cláusula: “Eu

interpretarei todo fenômeno como um trato particular de Deus com minha alma”.

Não cabe a nós criticar a Grande Ordem por expressar sua ideia em termos facilmente compreensíveis pela pessoa inteligente comum. Devemos deixar de lado as implicações metafísicas da frase, e compreender seu significado óbvio. Então todo ato deveria ser um ato de Yoga. E isso nos leva diretamente à questão que adiamos até agora – a Concentração.

6. Concentração! A analogia sexual ainda nos serve. Vocês se lembram do Abade na obra de Browning? Quando foi solicitado que presidisse no Tribunal do Amor, ele escolheu a mulher cujo objeto de paixão era completamente sem valor, neste admirável julgamento:

“O amor que para um, e um somente, tem referência  
Parece terrivelmente com o que talvez Deus tem preferência.”

É comum, e em algumas circunstâncias (como constantemente são encontradas entre anglo-saxões mal-intencionados) uma espécie de piada, que amantes são lunáticos. Tudo que estiver ao seu comando é pressionado à serviço de sua paixão; todo tipo de sacrifício, todo tipo de humilhação, todo tipo de desconforto – são completamente desconsiderados. Toda energia é esgotada e distorcida, toda energia é direcionada para o único objetivo do seu fim. A dor de uma separação momentânea parece intolerável; a alegria da consumação impossível de descrever: na verdade, quase impossível de suportar!

7. Agora, isso é exatamente o que o Yogī tem que fazer. Todos os livros discordam em todos os outros pontos, mas concordam com essa estupidez – dizem a ele que ele tem que desistir disso e daquilo, às vezes com fundamentos sensatos, mas mais frequentemente por motivos de preconceito e superstição. Nos estágios avançados, é preciso abandonar as próprias virtudes que o trouxeram a esse estado! Toda ideia, considerada como uma ideia, é bagagem desnecessária, peso morto, veneno; mas é errado representar esses atos como atos de sacrifício. Não há questão de se privar de algo que se quer. O processo na verdade é de aprender a descartar o que se pensava que se queria na escuridão antes do alvorecer da descoberta do objeto real da paixão de alguém. Por isso, notem bem! A concentração reduziu nossas obrigações morais a seus termos mais simples: existe um único padrão ao qual tudo deve ser apontado. Para o inferno com o Papa! Se uma Lagosta à Newberg perturba sua digestão – e uma boa digestão é necessária para sua prática – então você não come uma Lagosta à Newberg. A menos que isso seja claramente entendido, o Yogī será constantemente desviado pelas sofisticções dos fanáticos religiosos e morais. Para o inferno com os Arcebispos!

8. Vocês perceberão prontamente que empreender um curso desse tipo requer um planejamento cuidadoso. Vocês têm que planejar a sua vida antecipadamente por um período considerável, até onde for humanamente possível fazê-lo. Se vocês falha-

rem nesta disposição estratégica original, vocês simplesmente não concluirão a campanha. As contingências imprevistas certamente surgirão e, portanto, uma de nossas precauções é ter algum tipo de reserva de recursos para combater ataques inesperados.

Obviamente, esta é meramente a concentração na vida cotidiana, e é o hábito de tal concentração que prepara a pessoa para a tarefa muito mais severa da concentração mais profunda das práticas do Yoga. Para aqueles que estão realizando um curso preliminar, não há nada melhor, enquanto eles ainda estão vivendo vidas mais ou menos comuns, do que as práticas recomendadas em *The Equinox*. Deveria haver – precisa haver – uma rotina definida de atos calculados para lembrar o estudante da Grande Obra.

9. O clássico do assunto é *Liber Astarte vel Berylli*, o Livro da Devoção a uma Divindade em Particular. Este livro é muito admirável, revendo todo o assunto em todos os detalhes com uma locução de brilho impecável. Sua prática por si só é suficiente para levar o devoto a altas consecuições. Isso só é para poucos. Mas todo estudante deve fazer questão de saudar o Sol (da maneira recomendada em *Liber Resh*) quatro vezes ao dia, e ele deve saudar a Lua em sua aparição com o Mantra Gāyatrī. A melhor maneira é recitar o Mantra instantaneamente ao ver a Lua, notar se a atenção vacila, e repetir o Mantra até que ela não vacile de forma alguma.

Ele também deve praticar assiduamente *Liber III vel Jugorum*. A essência desta prática é que você seleciona um pensamento, palavra ou gesto familiar, um que recorre com frequência muitas vezes durante o dia, e toda vez que você é traído a usá-lo, faça um corte no pulso ou antebraço com um instrumento conveniente.

Há também uma prática que eu acho muito útil quando ando em uma cidade cristã – a de exorcizar (lançando o braço em um movimento circular para fora e para baixo e com as palavras “Apo Pantos Kakodaimonos”<sup>29</sup>) qualquer pessoa em trajes religiosos.

Todas essas práticas auxiliam a concentração e também servem para nos mantermos em alerta. Elas formam um treinamento preliminar inestimável para o Trabalho colossal da genuína concentração quando se trata de ser uma questão dos movimentos sutis, e cada vez mais sutis, da mente.

10. Podemos agora nos voltar para a consideração das práticas de Yoga em si. Presumo que nos quinze dias que se passaram desde a minha última palestra, vocês todos se aperfeiçoaram em Āsana e Prāṇāyāma; que vocês equilibram diariamente um pires cheio de ácido sulfúrico em suas cabeças por doze horas sem acidentes, que todos vocês pulam como sapos quando não estão seriamente levitando; e que o seu Mantra é tão regular quanto o seu batimento cardíaco.

---

<sup>29</sup> «Grego para “Afastem-se todos, daemons malignos!”»

Os quatro membros restantes do Yoga são Pratyāhāra, Dhāraṇā, Dhyāna e Samādhi.

Eu lhes darei a definição de todos os quatro de uma só vez, já que cada um explica, até certo ponto, o próximo. Pratyāhāra pode ser descrito como introspecção, mas também significa um certo tipo de experiência psicológica. Por exemplo, você pode de repente adquirir uma convicção, como Sir Humphry Davy, de que o universo é composto exclusivamente de ideias; ou você pode ter a experiência direta de que você não possui um nariz, como pode acontecer com os melhores de nós, se nos concentrarmos na ponta dele.

11. Dhāraṇā é a meditação propriamente dita, não o tipo de meditação que consiste em profunda consideração do assunto com a ideia de esclarecê-lo ou obter uma compreensão mais abrangente dele, mas a real restrição da consciência a um único objeto imaginário escolhido para esse propósito.

Portanto, esses dois membros do Yoga são, em certo sentido, os dois métodos empregados mentalmente pelo Yogī. Pois, muito tempo após o sucesso em Samādhi ter sido alcançado, é preciso conduzir as mais extensas explorações nos recessos da mente.

12. A palavra Dhyāna é difícil de definir; é usada por muitos escritores em sentidos totalmente contraditórios. A questão é discutida em algum detalhe na Parte I do meu *Livro IV*. Vou citar o que conclui sobre isso:

“Vamos tentar uma definição final. Dhyāna se assemelha a Samādhi em muitos aspectos. Há uma união do ego e do não-ego, e uma perda do senso de tempo e espaço e causalidade. A dualidade em qualquer forma é abolida. A ideia de tempo envolve duas coisas consecutivas, a do espaço duas coisas não coincidentes, a da causalidade duas coisas conectadas.”

13. Samādhi, pelo contrário, é muito fácil de definir. A etimologia, auxiliada pela persistência da tradição religiosa, nos ajuda aqui. *Sam* é um prefixo em sânscrito que se desenvolveu no prefixo *syn* em grego, sem alterar o significado – é o “sin” em “sinopse”, “síntese”, “síndrome”. Significa “junto com”.

*Adhi* também passou por muitos séculos e muitas línguas. É uma das palavras mais antigas da língua humana; data da época em que cada som tinha um significado definido próprio, um significado sugerido pelo movimento muscular feito na produção do som. Assim, a letra D significava originalmente “pai”; então o pai original, morto e transformado em um “Deus”, foi chamado de *Ad*. Este nome chegou inalterado ao Egito, como vocês veem n’*O Livro da Lei*. A palavra *Adhi* em sânscrito era geralmente traduzida como “Senhor”. Na forma síria, a temos duplicada, *Hadad*. Vocês devem se lembrar de Ben Hadad, Rei da Síria. A palavra hebraica para “Senhor” é *Adon* ou *Adonai*. *Adonai*, *meu Senhor*, é constantemente usado na Bíblia para substituir o nome

Jeová onde era sagrado demais mencioná-lo, ou por outras razões impróprias para escrever. Adonai também passou a significar, através da tradição Rosacruz, o Santo Anjo Guardião e, portanto, o objeto de adoração ou concentração. É a mesma coisa; adoração quer dizer veículo-digno, significa dignidade; e tudo, menos o objeto escolhido, necessariamente é um objeto indigno<sup>30</sup>.

14. Como Dhyāna também representa a condição de aniquilação da individualidade, é um pouco difícil distinguir entre ele e Samādhi. Eu escrevi na Parte I do *Livro IV* –

“Essas condições dhyānicas contradizem as do pensamento normal, mas em Samādhi elas são muito mais marcantes do que em Dhyāna. E enquanto no segundo parece uma união simples de duas coisas, no primeiro parece que todas as coisas se juntam e se unem. Pode-se dizer isso, que em Dhyāna ainda havia essa qualidade latente, que o um existente era oposto aos muitos não-existentes; em Samādhi, muitos e um estão unidos em uma união de existência com não-existência. Esta definição não foi feita a partir de reflexão, mas de memória.”

15. Mas isso foi escrito em 1911 e, desde então, colhi uma imensa quantidade de experiências. Eu estou inclinado a dizer neste momento que Dhyāna está para o Samādhi como saltar como um sapo, descrito em uma palestra anterior, está para a Levitação. Em outras palavras, Dhyāna é uma aproximação desequilibrada ou impura de Samādhi. Sujeito e objeto se unem e desaparecem com êxtase culminando em indiferença, e assim por diante, mas ainda há uma apresentação de algum tipo no novo gênero de consciência. Nessa visão, Dhyāna seria como uma explosão de pólvora descuidadamente misturada; a maior parte dispara com um estrondo, mas há alguns detritos dos componentes originais.

Essas discussões não são de grande importância em si, porque toda a série dos três estados de meditação é resumida na palavra Saṃyama; vocês podem traduzi-la bem por si sós, já que vocês já sabem que *saṃ* significa “juntos” e que *yama* significa “controle”. Representa a fusão de pequenos atos individuais de controle em um único gesto, assim como todas as partes separadas do braço, como células, ossos, veias, artérias, nervos, músculos e assim por diante se combinam em unanimidade inconsciente para dar um único golpe.

16. Ora, a prática de Pratyāhāra, propriamente falando, é a introspecção, e a prática de Dhāraṇā, propriamente falando, é a restrição do pensamento a um único objeto imaginário. O primeiro é um movimento da mente, o segundo uma cessação de todo movimento. E vocês provavelmente não obterão muito sucesso em Pratyāhāra até que tenham feito um avanço considerável em Dhyāna, porque por introspecção entendemos a exploração dos substratos da consciência que são revelados somente quando

---

<sup>30</sup> «No original há um trocadilho com as palavras *worship* (adoração), *worth-ship* (veículo-digno) e *worthiness* (dignidade).»

progredimos a uma certa altura, e nos tornamos conscientes de condições que são totalmente estranhas à concepção intelectual normal. A primeira lei do pensamento normal é  $A \text{ é } A$ : é chamada de lei de identidade. Então podemos dividir o universo em  $A$  e não- $A$ ; não há terceira coisa possível.

Agora, logo no começo das práticas de meditação, o Yogī provavelmente obterá como experiência direta a consciência de que essas leis não são verdadeiras de qualquer maneira definitiva. Ele alcançou um mundo onde as concepções intelectuais não são mais válidas; elas permanecem verdadeiras para os assuntos ordinários da vida, mas as leis normais do pensamento são vistas como não mais do que um mero mecanismo. Um código de convenções.

Os estudantes de matemática e metafísica avançadas muitas vezes têm um certo vislumbre desses fatos. Eles são obrigados a usar concepções irracionais para maior conveniência na condução de suas investigações racionais. Por exemplo, a raiz quadrada de 2, ou a raiz quadrada de menos 1, não são passíveis de compreensão em si; pertencem a uma ordem de pensamento além da primitiva invenção de contar com os dedos.

17. Será igualmente bom que o estudante comece com as práticas de Dhāraṇā. Se o fizer, obterá como subproduto alguns dos resultados de Pratyāhāra, e também adquirirá uma percepção considerável sobre os métodos de praticar Pratyāhāra. A princípio, parece como se Pratyāhāra estivesse fora da linha principal de consecução do Yoga. Isto não é verdade, porque ele permite lidar com as novas condições que são estabelecidas na mente pela compreensão de Dhyāna e Samādhi.

Agora posso descrever as práticas elementares.

Vocês deveriam começar com períodos muito curtos; é muito importante não sobrecarregar o aparato que estão usando; a mente deve ser treinada muito devagar. Nos meus primeiros dias eu ficava satisfeito com um minuto ou dois de cada vez; três ou quatro desses períodos, duas ou três vezes por dia. Nos primeiros estágios, não é necessário ter chegado muito longe em Āsana, porque tudo o que vocês podem tirar das primeiras práticas é realmente um prenúncio das dificuldades de fazê-las.

18. Eu comecei tomando um objeto geométrico simples de uma só cor, como um quadrado amarelo. Vou citar as instruções oficiais do *The Equinox*:

“Dhāraṇā — Controle do Pensamento

1. Restrinja a mente a concentrar-se sobre um único objeto imaginado simples. Os cinco tattvas são úteis para este fim; eles são: um oval preto; um disco azul; uma crescente de prata; um quadrado amarelo; um triângulo vermelho.

2. Avance para combinações de objetos simples; por exemplo, uma oval

preta dentro de um quadrado amarelo, e assim por diante.

3. Avance para objetos simples em movimento, como um pêndulo balançando, uma roda girando, etc. Evite objetos vivos.

4. Avance para combinações de objetos em movimento, por exemplo, um pistão subindo e descendo enquanto um pêndulo está balançando. A relação entre os dois movimentos deve ser variada em diferentes experimentos.

Ou até mesmo um sistema de motor composto por volantes, excêntricos e governador centrífugo.

5. Durante essas práticas a mente deve estar absolutamente limitada ao objeto determinado; não se deve permitir que nenhum outro pensamento invada a consciência. Os sistemas em movimento devem ser regulares e harmoniosos.

6. Anote cuidadosamente a duração dos experimentos, o número e a natureza dos pensamentos intrusos, a tendência do próprio objeto a afastar-se do curso estabelecido para ele, e quaisquer outros fenômenos que podem se apresentar. Evite o esgotamento. Isto é muito importante.

7. Avance para a imaginação de objetos vivos; como um homem, de preferência um homem que você conheça e respeite.

8. Nos intervalos destes experimentos você pode tentar imaginar os objetos dos outros sentidos, e concentrar-se sobre eles. Por exemplo, tente imaginar o sabor do chocolate, o cheiro das rosas, a textura do veludo, o som de uma cachoeira ou o tique-taque de um relógio.

9. Por fim, se esforce em calar todos os objetos de todos os sentidos, e evite todos os pensamentos surgindo em sua mente. Quando você sentir que alcançou algum sucesso nestas práticas, apresente-se para exame, e se você passar, práticas mais complexas e difíceis serão prescritas para você.”

19. Agora, uma das características mais interessantes e irritantes de suas primeiras experiências são os pensamentos que interferem. Em primeiro lugar, há o mau comportamento do objeto que está sendo contemplando; ele muda de cor e de tamanho; muda de posição; altera a forma. E uma das dificuldades essenciais na prática é que é preciso muita habilidade e experiência para ficar realmente atento para o que está acontecendo. Vocês podem seguir sonhando acordados por longos períodos antes de perceberem que seus pensamentos se desviaram. É por isso que insisto tão fortemente nas práticas descritas acima para produzir alertidão e vigilância, e vocês obviamente perceberão que é bastante evidente que é preciso estar em condições perfeitas e no estado mental mais favorável para fazer qualquer progresso. Mas quando vocês tiverem uma pequena prática em detectar e contar as quebras em sua concentração, descobrirão que elas próprias são úteis, porque seu caráter é sintomático do seu estado de progresso.

20. As quebras são classificadas da seguinte forma: —

Em primeiro lugar, sensações físicas; estas deveriam ter sido superadas pelo Āsana.

Em segundo lugar, quebras que parecem ser indicadas por eventos imediatamente anteriores à meditação: sua atividade se torna tremenda. Somente com essa prática é que se compreende o quanto é realmente observado pelos sentidos sem que a mente se torne consciente disso.

Em terceiro lugar, há uma classe de quebras que partilha da natureza do devaneio ou do “sonhar acordado”. Essas são muito insidiosas – pode-se continuar por um longo tempo sem perceber que divagou.

Em quarto lugar, temos uma classe muito alta de quebra, que é uma espécie de aberração do controle em si. Você pensa: “Como estou indo bem!” ou talvez fosse uma boa ideia se você estivesse em uma ilha deserta, ou se estivesse em uma casa à prova de som, ou se estivesse sentado perto de uma cachoeira. Mas estas são apenas variações insignificantes da própria vigilância.

Uma quinta classe de quebra parece não ter nenhuma fonte detectável na mente – ela pode até assumir a forma de alucinação real, geralmente auditiva. Naturalmente, tais alucinações são pouco frequentes, e são reconhecidas como tal. Caso contrário, é melhor que o estudante consulte um médico. O tipo usual consiste em frases estranhas, ou fragmentos de frases, que são distintamente ouvidas em uma voz humana reconhecível, não na voz do próprio estudante ou de qualquer um que ele conheça. Fenômeno semelhante é observado pelas estações de rádio, que chamam tais mensagens de “interferências atmosféricas”.

Há um outro tipo de quebra, que é o resultado desejado em si.

21. Já indiquei quão tediosas essas práticas se tornam; quão grande é o desnor-teio; quão constante é a decepção. Muito antes da ocorrência de Dhyāna, há muitos pequenos resultados que indicam o rompimento da limitação intelectual. Vocês não devem ficar perturbados se esses resultados fizerem com que sintam que os alicerces de suas mentes estão sendo derrubados debaixo de seus pés. A verdadeira lição é que, assim como vocês aprendem em Āsana que o corpo normal em si não é nada além de um veículo de dor, assim também a própria mente normal é insana; por seus próprios padrões ela é insana. Vocês só precisam ler um trabalho bastante simples e elementar, como o *Guide to Philosophy* do Professor Joad, para descobrir que qualquer argumento levado suficientemente longe leva a uma contradição nos termos. Existem dezenas de maneiras de mostrar que, se você começar com “A é A”, você termina com “A não é A”. A mente reage contra essa conclusão; se anestesia contra a ferida auto infligida e regula a filosofia à categoria de truques paradoxais. Mas essa é uma atitude covarde e vergonhosa. O Yogī tem que encarar o fato de que todos nós somos loucos delirantes;

que a sanidade existe – se é que existe – em um estado mental livre das regras de jardim de infância do intelecto.

Portanto, com um apelo pessoal sincero de francamente ir até o propiciatório e balbuciar, me despeço de vocês esta noite.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

## SEGUNDA PALESTRA

Sr. Organizador, Sua Alteza Real, Sua Graça, meus senhores, senhoras e cavalheiros.

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

Na minha última palestra, eu os levei ao pântano da ilusão; sufoquei-os no lodo da ilusão; eu os deixei sedentos no deserto da ilusão; os deixei vagando na selva da ilusão, uma presa para todos os monstros que são os pensamentos. Me ocorreu que devo fazer algo a respeito disso.

Temos constantemente discutido entidades misteriosas como se soubéssemos algo sobre elas, e isso (sob exame) sempre acabou por não ser o caso.

2. O conhecimento em si é impossível, porque se tomarmos a proposição mais simples de conhecimento,  $S$  é  $P$ , devemos atribuir algum significado a  $S$  e a  $P$ , para que nossa afirmação seja inteligível. (Eu não disse nada sobre ser verdadeira!) E isso envolve definição. Agora, a proposição original da identidade,  $A = A$ , não nos diz nada, a menos que o segundo  $A$  nos forneça mais informações sobre o primeiro  $A$ . Portanto, diremos que  $A$  é  $BC$ . Em vez de um desconhecido, agora temos dois desconhecidos; temos que definir  $B$  como  $DE$ ,  $C$  como  $FG$ . Agora temos quatro incógnitas e, muito em breve, teremos usado o alfabeto inteiro. Quando chegamos a definir  $Z$ , temos que voltar e usar uma das outras letras, de modo que todos os nossos argumentos são argumentos em círculo.

3. Qualquer afirmação que fizermos é demonstravelmente sem sentido. E mesmo assim queremos dizer alguma coisa quando dizemos que um gato tem quatro patas. E todos nós sabemos o que queremos dizer quando dizemos isso. Consentimos ou não com a proposição com base em nossa experiência. Mas essa experiência não é intelectual, como demonstrado acima. É uma questão de intuição imediata. Não conseguimos ter qualquer garantia dessa intuição, mas, ao mesmo tempo, qualquer argumento intelectual que a perturbe não abala nossa convicção.

4. A conclusão a ser tirada disso é que o instrumento da mente não é intelectual, nem racional. A lógica é meramente destrutiva, um brinquedo autodestrutivo. O brinquedo, no entanto, é de certa forma instrutivo, mesmo que os resultados de seu uso não suportem o exame. Então, nós criamos um regulamento de que os *sorites* específicos que aniquilam a lógica estão fora dos limites, e continuamos raciocinando dentro dos limites arbitrariamente designados. Sujeitos a essas condições, podemos seguir examinando a natureza de nossas ideias fundamentais; e isso é necessário, porque desde que começamos a considerar a natureza dos resultados da meditação, nossas concepções dos fundamentos do pensamento são decididas de uma maneira completamente diferente; não pela análise intelectual, que, como vimos, não sustenta convicção, mas pela

iluminação, que sustenta convicção. Portanto, vamos examinar os elementos do nosso pensamento normal.

5. Mal preciso recapitular o teorema matemático que todos vocês sem dúvida abordaram profundamente quando estavam criticando a teoria da relatividade de Einstein. Eu só quero lembrar-lhes do elemento mais simples desse teorema; o fato de que, para descrever qualquer coisa, você deve ter quatro medidas. Ela deve estar a determinada distância a leste ou oeste, a determinada distância ao norte ou ao sul, a determinada distância acima ou abaixo, a partir de um ponto padrão, e deve estar antes ou depois de um momento padrão. Existem três dimensões de espaço e uma de tempo.

6. Agora, o que queremos dizer com espaço? Henri Poincaré, um dos maiores matemáticos da última geração, achava que a ideia de espaço foi inventada por um lunático, em um esforço fantástico (e evidentemente sem sentido e sem objetivo) de explicar para si mesmo a sua experiência com seus movimentos musculares. Muito antes disso, Kant nos disse que o espaço era subjetivo, uma condição necessária de pensamento; e enquanto todos devemos concordar com isso, é óbvio que isso não nos diz muito a respeito.

7. Agora vamos observar em nossas mentes e ver que ideia, se houver alguma, podemos formar sobre o espaço. Evidentemente, o espaço é um contínuo. Não pode haver qualquer diferença entre quaisquer partes dele, porque ele é totalmente *onde*. É puro pano de fundo, a área de possibilidades, uma condição de qualidade e, portanto, de toda consciência. Portanto, está completamente vazio em si. Está certo, senhor?

8. Agora suponham que queremos concretizar uma dessas possibilidades. A coisa mais simples que podemos tomar é um ponto, e nos é dito que um ponto não tem nem partes nem magnitude, mas apenas posição. Mas, enquanto houver apenas um ponto, a posição não significa nada. Ainda não foi criada nenhuma possibilidade de qualquer afirmação positiva. Portanto, tomemos dois pontos e, a partir deles, temos a ideia de uma linha. Nosso Euclides nos diz que uma linha tem comprimento, mas não largura. Mas, enquanto houver apenas dois pontos, o próprio comprimento não significa nada; ou, no máximo, significa separação. Tudo o que podemos dizer sobre dois pontos é que existem dois deles.

9. Agora nós pegamos um terceiro ponto, e finalmente chegamos a uma ideia mais positiva. Em primeiro lugar, temos uma superfície plana, embora isso em si ainda não signifique nada, da mesma forma que o comprimento não significa nada quando há apenas dois pontos. Mas a introdução do terceiro ponto deu um sentido à nossa ideia de comprimento. Podemos dizer que a linha AB é maior que a linha BC, e também podemos introduzir a ideia de um ângulo.

10. Um quarto ponto, desde que não esteja no plano original, nos dá a ideia de um corpo sólido. Mas, como antes, isso não nos diz nada sobre o corpo sólido como tal, porque não há outro corpo sólido com o qual possamos compará-lo. Nós também

verificamos que ele não é realmente um corpo sólido de modo algum, porque é apenas um tipo instantâneo de ilusão. Não podemos observar, ou mesmo imaginar algo, a menos que tenhamos tempo para esse fim.

11. Então, o que é o tempo? É um fantasma, tão tênue quanto o espaço, mas as possibilidades de diferenciação entre uma coisa e outra só podem ocorrer de uma maneira e não de três maneiras diferentes. Nós comparamos dois fenômenos no tempo pela ideia de sequência.

12. Agora ficará perfeitamente claro para todos vocês que isso tudo é um absurdo. Para conceber o objeto mais simples possível, temos que continuar inventando ideias que, mesmo no orgulhoso momento de sua invenção, são vistas como irrealis. Como podemos nos afastar do mundo da fantasmagoria para o universo comum dos sentidos? Vamos precisar de muito mais atos de imaginação. Temos que dotar nossas concepções matemáticas de três ideias que os filósofos hindus chamam de Sat, Cit e Ānanda, que geralmente são traduzidas como Ser, Conhecimento e Bem-aventurança. Na verdade, significam: Sat, a tendência de conceber um objeto como real; Cit, a tendência a fingir que ele é um objeto de conhecimento; e Ānanda, a tendência a imaginar que somos afetados por ele.

13. Somente depois de termos dotado o objeto dessa dúzia de propriedades imaginárias, cada uma delas sendo, além uma ilusão completa, uma noção absurda, irracional e autocontraditória, que chegamos ao mais simples objeto de experiência. E este objeto deve, é claro, ser constantemente multiplicado. Caso contrário, nossa experiência seria confinada a um único objeto incapaz de descrição.

14. Também temos que atribuir a nós mesmos uma espécie de poder divino sobre nossa criação tenebrosa, para que possamos comparar os diferentes objetos de nossa experiência em todos os tipos de maneiras diferentes. Incidentalmente, esta última operação de multiplicar os objetos permanece evidentemente inválida, porque (afinal de contas) começamos com o que era absolutamente Nada. A partir dele de alguma forma conseguimos obter não apenas um, mas muitos; mas, apesar de tudo, nosso processo seguiu a operação necessária de nossa máquina intelectual. Uma vez que essa máquina é a única máquina que temos, nossos argumentos devem ser válidos, em algum sentido ou outro, em conformidade com a natureza dessa máquina. Que máquina? Esse é um objeto perfeitamente real. Ele contém inúmeras partes, poderes e faculdades. E eles são tão tenebrosos quanto o universo externo que ela criou. Senhor Gad, Patañjali está certo!

15. Agora, como superamos essa dificuldade de ter algo surgindo do Nada? Apenas perguntando o que queremos dizer com Nada. Descobriremos que essa ideia é totalmente inconcebível para a mente normal. Pois se Nada é para ser Nada, deve ser Nada em todos os sentidos possíveis. (Claro, cada um desses caminhos é em si um algo

imaginário, e há Aleph-Zero – um transfinito número deles). Se, por exemplo, dissermos que Nada é um triângulo quadrado, tivemos que inventar um triângulo quadrado para dizê-lo. Mas tomem um exemplo mais simples. Nós sabemos o que queremos dizer com “Há gatos na sala”. Nós sabemos o que queremos dizer quando dizemos “Nenhum gato está na sala”. Mas se dissermos “Nenhum gato não está na sala”, evidentemente queremos dizer que alguns gatos estão na sala. Esta observação não pretende ser uma reflexão sobre esta distinta plateia.

16. Então, se Nada realmente deve ser o Nada absoluto, queremos dizer que Nada não entra na categoria da existência. Dizer que o Nada absoluto existe é equivalente a dizer que tudo que existe, existe, e os grandes sábios hebreus do tempo antigo notaram este fato dando-lhe o título da ideia suprema de realidade (por trás de seu Deus tribal, Jeová, que, como nós já mostramos anteriormente, é apenas o Yoga dos 4 Elementos, mesmo no seu mais alto, – o Demiourgos) Eheieh-Asher-Eheieh, – eu sou o que sou.

17. Se existe algum sentido em tudo isso, podemos esperar encontrar um sistema de pensamento quase idêntico em todo o mundo. Não há nada exclusivamente hebraico sobre esta teogonia. Por exemplo, encontramos nos ensinamentos de Zoroastro e dos neoplatônicos ideias muito semelhantes. Nós temos um Pleroma, o vazio, um pano de fundo para todas as possibilidades, e isso é preenchido por um supremo Deus-Luz, de quem incitamos por sua vez os sete Arcontes, que correspondem intimamente às sete divindades planetárias, Aratron, Bethor, Phaleg e os demais. Estes, por sua vez, elegem um Demiurgo para criar matéria; e esse Demiurgo é Jeová. As ideias tanto dos gregos clássicos quanto dos neoplatônicos não são muito diferentes. As diferenças na terminologia, quando examinadas, se mostram como não muito mais do que as diferenças da conveniência no pensamento local. Mas tudo isso remonta à ainda mais velha cosmogonia dos antigos egípcios, onde temos Nuit, Espaço; Hadit, o ponto de vista; estes experimentam o congresso, e assim produzem Heru-Ra-Ha, que combina as ideias de Ra-Hoor-Khuit e Hoor-paar-Kraat. Estes são os mesmos gêmeos Vau e He final que conhecemos. Evidentemente, aqui está a origem do sistema da Árvore da Vida.

18. Chegamos a esse sistema por meio de exame puramente intelectual, e ele está aberto a críticas; mas o ponto que desejo trazer à atenção de vocês esta noite é que ele corresponde de perto a um dos grandes estados mentais que refletem a experiência do Samādhi.

Há uma visão de caráter peculiar que tem sido de importância fundamental em minha vida interior, e à qual faço constante referência em meus Diários Mágicos. Tanto quanto eu sei, não há descrição existente desta visão em qualquer lugar, e fiquei surpreso ao procurar em meus registros e descobrir que eu mesmo não havia a descrito claramente. Aparentemente, o motivo é que ela é uma parte tão necessária de mim que, inconscientemente, presumo que seja uma questão de conhecimento comum, assim

como se supõe que todos sabem que possuem um par de pulmões e, portanto, se abstém de mencionar o fato diretamente, embora talvez aludem ao assunto com bastante frequência.

Parece essencial descrever essa visão da melhor forma possível, considerando a dificuldade da linguagem, e o fato de que os fenômenos envolveram contradições lógicas, sendo as condições da consciência diferentes daquelas que estão sendo obtidas normalmente.

A visão se desenvolveu gradualmente. Repetiu-se em tantas ocasiões que não posso dizer em que momento pode ser declarada completa. No entanto, o início está claro o bastante em minha memória.

19. Eu estava em um Grande Retiro Mágico em uma casa de campo com vista para o Lago Pasquaney em New Hampshire. Perdi a consciência de tudo, exceto de um espaço universal em que havia inúmeros pontos brilhantes, e percebi que se tratava de uma representação física do universo, no que eu posso chamar de estrutura essencial. Eu exclamei: “O nada, com centelhas!” Concentrei-me nessa visão, com o resultado de que o espaço vazio que havia sido o principal elemento dela diminuiu de importância. O espaço parecia estar em chamas, mas os pontos radiantes não eram confusos, e então terminei minha frase com a exclamação: “Mas *que* centelhas!”

20. O próximo estágio dessa visão levou a uma identificação dos pontos brilhantes com as estrelas do firmamento, com ideias, almas, etc. Percebi também que cada estrela estava conectada com a outra por meio de um raio de luz. No mundo das ideias, cada pensamento possuía uma relação necessária com cada outro pensamento; cada uma dessas relações é, naturalmente, um pensamento em si; cada um desses raios é em si uma estrela. É aqui que a dificuldade lógica primeiro se apresenta. O observador tem uma percepção direta de séries infinitas. Portanto, logicamente, parece que todo o espaço deve ser preenchido com uma chama homogênea de luz. No entanto, este não é o caso. O espaço está completamente preenchido, mas ainda assim as mônadas que o preenchem são perfeitamente distintas. O leitor comum pode exclamar que tais declarações exibem sintomas de confusão mental. O assunto exige mais do que um exame superficial. Não posso fazer mais do que indicar aos críticos o “Introdução à Filosofia da Matemática” de Bertrand Russell, onde a posição acima é completamente justificada, assim como certas posições que se seguem.

Quero que vocês observem em particular a surpreendente identificação final dessa experiência cósmica com o sistema nervoso, conforme descrito pelo anatomista.

21. Neste ponto, podemos muito bem ser levados a considerar mais uma vez o que chamamos de universo objetivo e o que chamamos de nossa experiência subjetiva. O que é a Natureza? Immanuel Kant, que fundou um sistema histórico de idealismo subjetivo, é talvez o primeiro filósofo a demonstrar claramente que espaço, tempo, causalidade (em suma, todas as condições de existência) não são mais que condições

do pensamento. Eu tentei explicar isso de forma mais simples, definindo todos os predicados possíveis como tantas dimensões. Para descrever adequadamente um objeto, não é suficiente determinar sua posição no contínuo espaço-tempo de quatro dimensões, mas devemos investigar como ele se situa em todas as categorias e escalas, seus valores em todos os *tipos* de possibilidade. O que sabemos sobre ele em relação a seu verdor, sua dureza, sua mobilidade e assim por diante? E então descobrimos que o que imaginamos ser a descrição do objeto na verdade não é nada disso.

22. Tudo o que registramos é o comportamento de nossos instrumentos. O que nossos telescópios, espectroscópios e balanças nos dizem? E estes novamente dependem do comportamento de nossos sentidos; pois a realidade de nossos instrumentos, de nossos órgãos dos sentidos, necessita tanto de descrição e demonstração quanto os fenômenos mais remotos. E nos vemos forçados a concluir que qualquer coisa que percebemos é apenas percebida por nós como tal *por causa de nossa tendência a assim percebê-la*. E descobriremos que na quarta etapa da grande prática budista, Mahāsati-paṭṭhāna, nos tornamos direta e imediatamente conscientes desse fato em vez de retirá-lo dos bosques desses intermináveis *sorites* que nos atormentam! O próprio Kant colocou, da sua maneira: “As leis da natureza são as leis de nossas próprias mentes”. Por quê? Não é o conteúdo da mente que podemos perceber, mas apenas sua estrutura. Mas Kant não chegou até aqui. Ele teria ficado extremamente chocado se tivesse percebido que o termo final em seus *sorites* era “A razão em si é a única realidade”. Em um exame mais aprofundado, até mesmo essa verdade definitiva se revela sem sentido. É como a definição circular bem conhecida de um livro obscuro, que é: um livro que desperta certas ideias na mente do tipo de pessoa em quem tais ideias são excitadas por esse tipo de livro.

23. Percebo que meu excelente organizador está tentando sufocar um bocejo e convertê-lo em um sorriso, e ele me perdoará por dizer que acho o efeito um tanto sinistro. Mas ele tem todo o direito de ser sarcástico quanto a isso. Esses são, de fato, “velhos paradoxos para divertir as esposas em cervejarias”. Desde que a filosofia começou, foi sempre um dos jogos favoritos para provar que seus axiomas são absurdos.

Todos vocês naturalmente ficarão muito aborrecidos comigo por ceder a esses passatempos tolos, especialmente quando comecei com uma promessa de que trataria desses assuntos do pragmático ponto de vista científico. Perdoem-me se brinquei com esses fios brilhantes da teia do pensamento! Eu só estava tentado rasgá-la gentilmente para vocês. Eu prossigo varrendo, com a minha mão que está branca como lírio, todas essas coisas tênues e finas, “coisas como aquelas das quais os sonhos são feitos”. Vamos nos voltar para a ciência moderna.

24. Para leitura geral, não há melhor introdução do que *The Bases of Modern Science*, do meu velho e estimado amigo, o falecido J. W. N. Sullivan. Eu não quero detê-los por muito tempo com citações deste livro admirável. Eu prefiro que vocês mesmos o adquiram; vocês dificilmente poderiam fazer melhor uso do seu tempo. Mas

vamos dedicar alguns momentos a suas observações sobre a questão da geometria.

Nossas concepções de espaço como uma entidade subjetiva foram completamente abaladas pela descoberta de que as equações de Newton baseadas na geometria euclidiana são inadequadas para explicar os fenômenos da gravitação. Para nós é instintivo pensar em uma linha reta; é de alguma forma axiomático. Mas aprendemos que isso não existe no universo objetivo. Temos que usar outra geometria, a geometria de Riemann, que é uma das geometrias curvas. (Existem, é claro, tantos sistemas de geometria quanto axiomas absurdos para construí-los. Três linhas formam uma elipse: qualquer absurdo que você desejar: você pode construir uma geometria que seja correta desde que seja coerente. E não há nada certo ou errado sobre o resultado: a única questão é: qual é o sistema mais conveniente para descrever fenômenos? Achamos a ideia de Gravitação estranha: fomos para Riemann.)

Isso significa que os fenômenos não estão ocorrendo sobre o pano de fundo de uma superfície plana; a superfície em si é curva. O que nós pensamos ser uma linha reta não existe de modo algum. E isso é quase impossível de conceber; pelo menos é impossível para mim visualizar. O mais próximo que se chega é tentando imaginar que você é um reflexo em uma maçaneta polida.

25. Sinto-me quase envergonhado do mundo todo por que tenho de lhes dizer que no ano de 1900, quatro anos antes do aparecimento do artigo de Einstein que sacudiu o mundo, descrevi o espaço como “finito, mas sem limites”, o que é exatamente a descrição em termos gerais do que ele deu em detalhes mais matemáticos<sup>31</sup>. Vocês perceberão imediatamente que essas três palavras descrevem uma geometria curva; uma esfera, por exemplo, é um objeto finito, mas você pode ultrapassar a superfície em qualquer direção sem nunca chegar ao fim.

Eu disse acima que a geometria de Riemann não era suficiente para explicar os fenômenos da natureza. Temos que postular diferentes tipos de curvatura em diferentes partes do contínuo. E mesmo assim não somos felizes!

## 26. Agora chamemos Sullivan ao palco!

“A geometria é tão geral que admite diferentes graus de curvatura em diferentes partes do espaço-tempo. Os efeitos gravitacionais se devem a essa curvatura. A curvatura do espaço-tempo é mais proeminente, portanto, em torno de grandes massas, pois aqui os efeitos gravitacionais são mais marcantes. Se considerarmos a matéria como fundamental, podemos dizer que é a presença da matéria que causa a curvatura do espaço-tempo. Mas existe uma escola de pensamento diferente que considera a matéria como sendo devida à curvatura do espaço-tempo. Ou seja, assumimos como fundamental um contínuo de espaço-tempo que

<sup>31</sup> *Tannhäuser*, escrito no México, O.F., em agosto de 1900. Veja também meu *Berashith*, escrito em Delhi, em abril de 1901.

se manifesta para nossos sentidos como aquilo que chamamos de matéria. Ambos os pontos de vista têm fortes argumentos para apoiá-los. Mas, quer a matéria derive ou não das peculiaridades geométricas do contínuo espaço-tempo, podemos tomar como um fato científico estabelecido que a gravitação assim deriva. Esta é obviamente uma conquista muito grande, mas deixa intacta outra grande classe de fenômenos, a saber, fenômenos eletromagnéticos. Nesse contínuo espaço-tempo de Einstein, as forças eletromagnéticas parecem inteiramente estranhas. A gravitação foi absorvida, por assim dizer, na geometria de Riemann, e a noção de força, no que diz respeito aos fenômenos gravitacionais, foi abolida. Mas as forças eletromagnéticas ainda florescem sem serem perturbadas. Não há indícios de que sejam manifestações das peculiaridades geométricas do contínuo espaço-tempo. E pode ser demonstrado ser impossível relacioná-los a qualquer coisa na Geometria de Riemann. Pode-se demonstrar que a gravitação corresponde a certas peculiaridades geométricas de um espaço-tempo riemanniano. Mas as forças eletromagnéticas estão completamente fora desse esquema.”

27. Aqui está o grande problema ao qual a física matemática conduziu suas obsessões. Aqui temos duas classes de fenômenos, todos parte de uma unidade da física. No entanto, as equações que descrevem e explicam uma classe são incompatíveis com as da outra classe! Esta não é uma questão de filosofia, mas uma questão de fato. Não funciona considerar que o universo é composto de partículas. Tal hipótese suporta uma classe de fenômenos, mas é um absurdo quando aplicada às equações eletromagnéticas, que insistem em nos fazer abandonar a ideia de partículas em prol da de ondas.

Eis outro coelho galês para o jantar!

“O universo finito de Einstein é tal que seu raio depende da quantidade de matéria nele contida. Se mais matéria fosse criada, o volume do universo aumentaria. Se a matéria fosse aniquilada, o volume de espaço diminuiria. Sem matéria, o espaço não existiria. Assim, a mera existência do espaço, além de suas propriedades métricas, depende da existência da matéria. Com essa concepção, torna-se possível considerar todo movimento, inclusive a rotação, como puramente relativo”.

Seguimos daqui para onde, garotos?

28. “A tendência atual da física é descrever o universo em termos de relações matemáticas entre entidades inimagináveis”.

Já estamos bastante distantes da mui frequentemente e injustamente citada afirmação de Lorde Kelvin de que ele não poderia imaginar qualquer coisa da qual ele não pudesse construir um modelo mecânico. Os vitorianos estavam realmente um pouco inclinados a repetir a teimosia imbecil e grosseira do Dr. Johnson, quando as ideias do bispo Berkeley penetraram os estratos superficiais das células cinzentas saturadas de bebida daquele bruto estúpido.

29. Agora, vejam só, peço que reflitam sobre o problema que tomamos de calcular a distância das estrelas fixas, e ouçam o professor G. N. Lewis, que

“«...» sugere que dois átomos conectados por um raio de luz podem ser considerados como estando em contato físico real. O intervalo entre as duas extremidades de um raio de luz é, na teoria da relatividade, zero, e o professor Lewis sugere que esse fato deve ser levado a sério. Nesta teoria, a luz não é propagada de modo algum. Essa ideia está em conformidade com o princípio de que nenhum fator, a não ser os observáveis, deve ser usado na construção de uma teoria científica, pois certamente nunca conseguimos observar a passagem da luz no espaço vazio. Nós só estamos conscientes da luz quando ela encontra a matéria. A luz que nunca encontra a matéria é puramente hipotética. Se não tivermos essa hipótese, então não há espaço vazio. Na teoria do professor Lewis, quando observamos uma estrela distante, nosso olho realmente faz contato físico com aquela estrela do mesmo modo como nosso dedo entra em contato com uma mesa quando a pressionamos.”

30. E vocês todos não achavam que meus argumentos eram argumentos em círculo? Eu certamente esperava que sim, pois eu estava sofrendo para lhes contar isso. Mas não é uma questão de argumentos no livro do Sr. Sullivan; é uma questão de fatos. Ele estava falando sobre valores humanos. Ele estava perguntando se a ciência poderia estar ciente deles. Lá vem ele, o grande comandante! Aplaudam, meus camaradas, aplaudam!

“Mas, embora materialistas consistentes fossem provavelmente sempre raros, o fato humanisticamente importante permanecia, de que a ciência não achava necessário incluir valores em sua descrição do universo. Pois parecia que a ciência, apesar dessa omissão, formava um sistema fechado. Se os valores formam uma parte integral da realidade, parece estranho que a ciência seja capaz de fornecer uma descrição consistente dos fenômenos que os ignora.

Atualmente, essa dificuldade está sendo atendida de duas maneiras. Por um lado, salienta-se que a ciência permanece dentro de seu próprio domínio pelo dispositivo de definição cíclica, ou seja, as abstrações com as quais ela começa são tudo sobre o que ela fala. Não faz novos contatos com a realidade e, portanto, nunca encontra quaisquer fatores possivelmente perturbadores. Este ponto de vista é derivado da teoria da relatividade, particularmente da forma de apresentação adotada por Eddington. Essa teoria forma um círculo fechado. Os termos primários da teoria, ‘eventos-ponto’, ‘potenciais’, ‘matéria’ [etc., há dez deles], situam-se em vários pontos da circunferência do círculo. Podemos começar em qualquer ponto e dar a volta ao redor do círculo, ou seja, a partir de qualquer um desses termos podemos deduzir os outros. As entidades primárias da teoria são definidas em termos de outra. No decorrer deste exercício derivamos as leis da Natureza estudadas na física. Em um certo ponto da cadeia de deduções, na ‘matéria’, por exemplo, julgamos que estamos falando de algo que é uma incorporação concreta objetiva

de nossas abstrações. Mas a matéria, como ocorre na física, não é mais que um conjunto particular de abstrações, e nosso raciocínio subsequente está preocupado apenas com essas abstrações. Outras características que a realidade objetiva possa ter nunca entram em nosso esquema. Mas o conjunto de abstrações chamado matéria na teoria da relatividade não parece adequado ao conjunto do nosso conhecimento científico da matéria. Restam os fenômenos quânticos.”

Ah!

“Assim nós a deixamos, assim nós a deixamos,  
Longe de onde sua família morena, nômade – vagueia

No Lar Convalescente da Febre Escarlate,  
Da Febre Escarlate, da Febre Escarlate.”

31. Então, agora, nada menos do que aquele cavalheiro cortês, Sua Graça, o Reverendíssimo Arcebispo de Canterbury, que numa transmissão de rádio recente confundiu para sempre todos aqueles infieis que presumiam duvidar da possibilidade de os demônios entrarem em suínos, encontramos o dragão ciência e o conquistamos. Vimos que, não importa como atacamos o problema da mente, seja do ponto de vista espiritual costumeiro, seja do canto oposto do materialismo, o resultado é o mesmo.

Uma última citação do Sr. Sullivan.

“O universo pode acabar se provando irracional.  
A aventura científica pode ter que ser abandonada.”

Mas isso é tudo o que *ele* sabe sobre ciência, abençoado seja seu coraçãozinho! Nós não desistimos. “Você mentiu, d’Ormea, eu não me arrependo!” Os resultados do experimento ainda são válidos para a experiência, e o fato de o universo ser considerado ininteligível serve apenas para fortalecer nossa convicção arraigada de que a experiência em si é realidade.

32. Podemos então nos perguntar se não é possível obter experiência de uma ordem superior, descobrir e desenvolver a faculdade da mente que pode transcender a análise, estável contra todo pensamento em virtude de sua própria certeza auto evidente. Na linguagem da Grande Fraternidade Branca (a qual represento aqui) você atravessa o abismo. “Abandone o pobre e velho navio naufragado encalhado” – Ruach – “e reme para a margem” de Neschamah. Pois diz-se que acima do abismo, como vocês verão se estudarem o Suplemento<sup>32</sup> do quinto número do Primeiro Volume de *The Equinox*, uma ideia só é verdadeira na medida em que contém em si a sua ideia contraditória.

33. São tais estados mentais como este que constituem os resultados realmente

---

<sup>32</sup> «*Liber XXX Ærum vel Sæculi* ou “A Visão e a Voz”»

importantes de Samyama, e estes resultados não devem ser destruídos pela especulação filosófica, porque eles não são suscetíveis de análise, porque eles não têm partes componentes, porque eles existem em virtude de sua própria Desrazão – *certum est quia impossibile est*<sup>33</sup>! Eles não podem ser expressados, pois estão acima do conhecimento. Até certo ponto, podemos transmitir nossa experiência a outras pessoas familiarizadas com essa experiência, em menor grau, pelo método estético. E isso explica por que todo bom trabalho sobre Yoga – alquimia, magia e o resto – não doutrinário, mas simbólico – a palavra de Deus para o homem, é dado em Poesia e Arte.

Na minha próxima palestra, tentarei aprofundar um pouco mais na técnica de obtenção desses resultados e também daremos uma explicação mais detalhada do tipo de coisa que provavelmente ocorrerá no decorrer das práticas preliminares.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

---

<sup>33</sup> «“Está certo porque é impossível”, em latim.»



## TERCEIRA PALESTRA

Queridas Crianças,

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

1. Vocês recordarão que na semana passada nosso estudo do Yoga nos levou aos Padres da Igreja. Vimos que sua filosofia e ciência, seguindo uma rota independente, nos levou à famosa exclamação de Tertuliano: *certum est quia impossibile est!* Como estava certa a Igreja ao negar a autoridade da Razão!

2. Por um momento, quase somos tentados a perguntar o que a Igreja quer dizer com “fé”. São Paulo nos diz que a fé é “a substância das coisas pelas quais se espera; a evidência de coisas não vistas”. Então, não creio que devemos imaginar que essa palavra fé significa o que aquele cafajeste devasso e barrigudo, Martinho Lutero, afirmava. A fé da qual ele fala é tudo menos uma substância, e quanto à evidência, nada mais é do que o poder, como diz um aluno de escola, de acreditar naquilo que sabemos ser falso. Para ter algum significado sensato, a fé deve significar experiência, e essa visão está em perfeita harmonia com a conclusão a que chegamos em minha palestra anterior. Nada tem utilidade alguma para nós, a menos que seja uma certeza que não pode ser abalada por qualquer tipo de crítica, e há apenas uma coisa no universo que obedece a essas condições: a experiência direta da verdade espiritual. Aqui, e aqui apenas, encontramos uma posição na qual as grandes mentes religiosas de todos os tempos e todos os climas coincidem. Está necessariamente acima do dogma, porque o dogma consiste em uma coleção de afirmações intelectuais, cada uma das quais, além de suas afirmações contraditórias, podem ser facilmente disputadas e derrubadas.

3. Vocês provavelmente estão cientes de que na Companhia de Jesus os postulantes são treinados a debater todos esses assuntos altamente controversos. Eles colocavam um jovem para provar qualquer blasfêmia surpreendente que ocorria a eles. E quanto mais chocado ficasse o jovem, melhor seria o treinamento para sua mente e melhor serviço seria prestado à Companhia no final; mas somente se sua mente estiver completamente desabituada de sua confiança em sua própria retidão, ou mesmo na possibilidade de estar certa.

4. O racionalista, em sua forma superficial, sempre afirma que esse treinamento é a abnegação da liberdade mental. Pelo contrário, essa é a única maneira de obter essa liberdade. Na mesma Companhia, o treinamento de obediência é baseado em um princípio similar. O sacerdote tem que fazer o que seu Superior lhe ordena – *perinde ac cadaver*<sup>34</sup>. Os protestantes sempre afirmam que esta é a tirania mais ultrajante e indefensável. “O pobre diabo”, dizem eles, “é espancado para não ter vontade própria”. Isso

---

<sup>34</sup> «“Como um cadáver” em latim, expressão utilizada por Santo Inácio de Loyola para representar o estado de obediência

é pura tolice. Renunciando sua vontade através da prática da santa obediência, sua vontade tornou-se enormemente forte, tão forte que nenhum de seus instintos, desejos ou hábitos naturais pode se intrometer. Ele libertou sua vontade de todas essas inibições. Ele é uma função perfeita da maquinaria da Ordem. No General da Companhia concentra-se o poder de todas aquelas vontades separadas, assim como no corpo humano toda célula deve estar completamente devotada, em sua qualidade particular, à vontade concentrada do organismo.

5. Em outras palavras, a Companhia de Jesus criou uma imitação perfeita do esqueleto da criação original, o homem vivo. Aquiesceu com a ordem divinamente instituída das coisas, e é por isso que vemos que o corpo, que nunca foi importante numericamente, ainda assim foi uma das maiores influências no desenvolvimento da Europa. Nem sempre funcionou perfeitamente, mas isso não foi culpa do sistema; e, mesmo assim, seu registro tem sido extraordinário. É uma das coisas mais notáveis sobre ela é que suas maiores e mais importantes conquistas foram no domínio da ciência e da filosofia. Não fez nada pela religião; ou melhor, onde se intrometeu com a religião, só causou danos. Que erro! E por quê? Pela simples razão de estar em posição de não tomar conhecimento da religião; todos esses assuntos eram decididos pelo Papa, ou pelos Conselhos da Igreja, e a Companhia pôde, portanto, libertar-se das perplexidades da religião, exatamente da mesma maneira que o noviço obtém completa liberdade de suas responsabilidades morais, afundando suas fantasias pessoais na vontade do Superior.

6. Eu gostaria de mencionar aqui que os “Exercícios Espirituais” do Santo Inácio são, em essência, práticas realmente admiráveis de Yoga. Eles têm, é verdade, um toque de técnica mágica, e foram criados para servir a um fim dogmático. No entanto, isso foi necessário, e também foi uma boa magia, porque a vontade original do Fundador era produzir uma máquina de guerra como um contra-ataque à Reforma. Ele foi muito sábio em elaborar um plano, independentemente de seus méritos abstratos como filosofia, que serviria de maneira mais eficaz a esse propósito único. O único problema foi que esse propósito não era suficientemente cósmico para resistir às forças internas. Tendo atingido os planos superiores pela prática desses exercícios, eles descobriram que o propósito original da Companhia não era realmente adequado aos seus poderes; eles eram, por assim dizer, supermáquinas. Eles estupidamente invadiram a esfera espiritual das outras autoridades que eles foram fundados para apoiar, e assim os vemos de fato enfrentando o Papa, enquanto notavelmente falham em obter a posse do papado. Estando assim frustrados em seus esforços e confusos em seu propósito, eles redobram o ardor de seus exercícios; e é uma das características de todos os exercícios espirituais, se realizados com honestidade e eficiência, que eles constantemente o conduzem para planos mais elevados, onde todas as considerações dogmáticas, todos os con-

ceitos intelectuais, são inválidos. Portanto, descobrimos que não é de todo surpreendente que o General da Ordem e seu círculo imediato supostamente tenham sido ateus. Se isso fosse verdade, apenas mostraria que eles foram corrompidos por sua preocupação com a política prática do mundo, a qual é impossível conduzir em qualquer base, exceto a ateuista; é hipocrisia insensata fingir o contrário, e deveria estar restrita ao uso exclusivo do Ministérios de Relações Exteriores.

Talvez seria mais sensato supor que os chefes da Ordem realmente atingiram as maiores alturas do conhecimento e da liberdade espiritual, e é bem possível que o melhor termo para descrever sua atitude seja panteísta ou gnóstico.

7. Essas considerações devem ser de grande utilidade para nós, agora que vamos discutir mais detalhadamente os resultados das práticas de Yoga. Existe, é verdade, uma semelhança geral entre as explosões de êxtase dos grandes místicos de todo o mundo. Comparações foram frequentemente feitas por estudantes do assunto. Só vou ocupá-los com um exemplo: “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”. O que quer dizer essa injunção? É uma generalização do “Ama, e faze o que tu queres” de Santo Agostinho. Mas n’*O Livro da Lei*, para que o ouvinte não seja iludido em um espasmo de antinomianismo, há uma explicação adicional: “Amor é a lei, amor sob vontade”.

8. No entanto, o ponto é que não adianta discutir os resultados do Yoga, seja esse Yoga do tipo recomendado por Lǎozǐ, ou Patañjali, ou Santo Inácio de Loyola, porque como nosso primeiro postulado temos que esses assuntos são incapazes de discussão. Discutir sobre eles apenas nos leva a cair no poço do Porque e a perecer com os cães da Razão<sup>35</sup>. Portanto, a única utilidade de descrever nossas experiências é capacitar os estudantes a ter uma ideia do tipo de coisa que lhes acontecerá quando alcançarem o sucesso nas práticas do Yoga. Nós temos Davi dizendo nos Salmos: “Eu odeio pensamentos, mas a Tua lei eu amo”. Temos São Paulo dizendo: “A mente carnal é inimizada contra Deus”. Poderíamos quase dizer que a essência das Epístolas de São Paulo é uma luta contra a mente: “Nós não guerreamos contra carne e sangue” – vocês conhecem o resto – não vou me dar ao trabalho de citar tudo – Efésios 6:12<sup>36</sup>.

9. Acho que é São Paulo quem descreve Satanás, que é o nome dele para o inimigo, devido à sua ignorância da história do mundo, como o Príncipe do Poder do Ar; isto é, do Ruach, do intelecto; e nunca devemos esquecer que o que operou a conversão de São Paulo foi a Visão no caminho de Damasco. É particularmente significativo que ele tenha desaparecido no deserto da Arábia por três anos antes de se apresentar como o Apóstolo dos gentios. São Paulo era um rabino instruído; ele era o pupilo favorito do melhor expositor da lei hebraica, e no único momento de sua Visão todos

<sup>35</sup> «“Existe grande perigo em mim; pois quem não compreende estas runas cometerá uma grande falha. Ele cairá dentro do fosso chamado Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão.” – *Liber AL vel Legis*, II:27.»

<sup>36</sup> «“Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.” Efésios 6:12

os seus argumentos foram destruídos em um único golpe!

10. Não nos é dito que São Paulo tenha dito qualquer coisa na época, mas seguiu tranquilamente em sua jornada. Essa é a grande lição: não discutir os resultados. Aqueles de vocês que possuem uma cópia de *O Equinócio dos Deuses*<sup>37</sup> podem ter ficado muito surpresos com a injunção extraordinária no Comentário: a proibição de qualquer discussão do Livro<sup>38</sup>. Eu mesmo não compreendia totalmente essa injunção; agora eu compreendo.

11. Vamos tratar agora de alguns dos fenômenos que ocorrem durante as práticas de Pratyāhāra.

Logo no começo do meu retiro em Kandy, eu estava tentando me concentrar, inclinando os olhos para a ponta do nariz. Isto, a propósito, não é uma boa prática; está sujeita a forçar os olhos. Mas o que aconteceu foi que acordei à noite; minha mão tocou um nariz; eu imediatamente concluí que alguém estava na sala. Não havia ninguém; eu só pensava assim porque meu nariz havia desaparecido da região da minha observação pela prática de me concentrar nele.

12. O mesmo tipo de coisa ocorre com concentração adequada sobre qualquer objeto. Isso está conectado, curiosamente, com os fenômenos da invisibilidade. Quando sua mente penetrou tão profundamente em si mesma que está inconsciente de si e de seus arredores, um dos resultados mais comuns é que o corpo se torna invisível para outras pessoas. Eu não acho que faria qualquer diferença para uma fotografia, embora eu não tenha nenhuma evidência para dizer isso; mas isso aconteceu comigo em inúmeras ocasiões. Foi uma ocorrência quase que diária quando eu estava na Sicília.

13. Alguns de nós costumávamos descer a uma baía de areia muito bonita, de onde sobressaíam ilhotas de rocha fantásticas; margeada por falésias incrustadas de joias da vida marinha. O caminho era por cima de uma encosta nua; exceto por algumas centenas de metros de vinhedo, não havia cobertura, nem mesmo para esconder um coelho. Mas muitas vezes acontecia que uma das pessoas se virava para falar comigo e não me via. Eu sempre soube que isso acontecia quando eu estava ditando; minha cadeira aparentemente ficava vazia.

Incidentalmente, essa faculdade, que eu acho que é exercida, via de regra, inconscientemente, pode se tornar um poder mágico real.

14. Aconteceu comigo em uma ocasião em que um número muito grande de pessoas excitadas estava me procurando sem intenções amigáveis; mas eu tinha uma

---

<sup>37</sup> «*Liber ABA, Magick, O Livro Quatro: Parte IV: O Equinócio dos Deuses*. Editora Penumbra, 2020.»

<sup>38</sup> «“Aqueles que discutem o conteúdo deste Livro devem ser evitados por todos, como focos de pestilência. Todas as questões da Lei devem ser decididas apenas por apelo aos meus escritos, cada qual por si mesmo.” – *Liber AL vel Legis*, O Comento.

sensação de leveza, de fantasmagoria, como se eu fosse uma sombra movendo-se silenciosamente pela rua; e, na verdade, nenhuma das pessoas que me procuravam dava o menor indício de que elas estavam cientes da minha presença.

Há um curioso paralelo a este incidente em um dos Evangelhos, onde lemos que “eles pegaram pedras para apedrejá-lo, mas, passando por meio deles, ele seguiu seu caminho”.

15. Há um outro lado deste assunto de Pratyāhāra que pode ser descrito como completamente contraditório com o que temos falado.

Se você concentra sua atenção em uma parte do corpo com a ideia de investigá-la, isto é, suponho, permitindo que a mente se mova dentro de limites muito pequenos, toda a sua consciência se concentra nessa pequena parte. Eu costumava praticar bastante isso no meu retiro no Lago Pasquaney. Eu costumava pegar um dedo da mão ou do pé e identificar toda a minha consciência com os pequenos movimentos que eu permitia que ele fizesse. Seria inútil entrar em muitos detalhes sobre essa experiência. Só posso dizer que, até que você adquira o poder, não faz ideia da pura maravilha e deleite daquele orgasmo infinitamente trêmulo.

16. Se bem me lembro, essa prática e seu resultado foram um dos principais fatores que me possibilitaram alcançar o que é chamado de Transe da Maravilha, que pertence ao Grau de um Mestre do Templo, e é uma espécie de completo entendimento do organismo do universo, e uma adoração extática de sua maravilha.

Este Transe é muito mais alto que a Visão Beatífica, pois no último é sempre o coração – o *phren*<sup>39</sup> – que está envolvido; no primeiro, é o *nous*<sup>40</sup>, a inteligência divina do homem, ao passo que o coração é apenas o centro das faculdades intelectuais e morais.

17. Mas, enquanto vocês estiverem se ocupando com o físico, seus resultados estarão apenas naquele plano; e o principal efeito dessas concentrações em pequenas partes do corpo é o entendimento, ou melhor, a apreciação, do prazer sensorial. No entanto, isso é infinitamente refinado, requintadamente intenso. Muitas vezes é possível adquirir uma técnica pela qual o artista habilidoso possa produzir esse prazer em outra pessoa. Mapeie, digamos, três centímetros quadrados de pele em qualquer lugar, e é possível, com toques suaves e extremos, excitar no paciente todas as possíveis sensações de prazer das quais essa pessoa é capaz. Eu sei que esta é uma afirmação muito extraordinária, mas é muito fácil de fundamentar. A única coisa que temo é que os especialistas se deixem levar pelas recompensas, em vez de obter o valor real da lição, que é que os prazeres grosseiros dos sentidos são absolutamente inúteis.

---

<sup>39</sup> «Phren vem do grego φρήν, e representa o assento do pensamento, contemplação, emoção.»

<sup>40</sup> «Nous vem do grego νόος, “mente”.»

Essa prática, na medida em que é útil, deve ser considerada como o primeiro passo para a emancipação do escravo dos desejos corporais, das sensações autodestrutivas, da sede de prazer.

18. Eu acho que esta é uma boa oportunidade de fazer uma pequena digressão à favor do Mahāsatipatṭhāna. Essa prática foi recomendada por Buda em termos muito especiais, e é a única de que ele fala tão bem. Ele disse a seus discípulos que, se eles apenas aderissem a ela, mais cedo ou mais tarde alcançariam a plena consecução. A prática consiste em uma análise do universo em termos de consciência. Você começa escolhendo exercícios físicos muito simples e regulares, como o movimento do corpo durante a caminhada ou os movimentos dos pulmões durante a respiração. Você continua observando o que acontece: “estou expirando; estou inspirando; estou prendendo a respiração”, conforme o caso. Completamente sem aviso, a pessoa se choca com a descoberta de que o que ela tem pensado não é verdadeiro. Você não tem o direito de dizer: “eu estou inspirando”. Tudo o que você realmente sabe é que existe uma inspiração.

19. Portanto, você muda sua observação e diz: “Há uma inspiração; há uma expiração”, e assim por diante. E muito em breve, se você praticar assiduamente, você terá outro choque. Você não tem o direito de dizer que há uma respiração. Tudo o que você sabe é que existe uma sensação desse tipo. Novamente, você muda a sua concepção de sua observação e um dia faz a descoberta de que a sensação desapareceu. Tudo o que você sabe é que há a percepção de uma sensação de inspirar ou expirar. Continue, e isso é mais uma vez descoberto como uma ilusão. O que você descobre é que há uma tendência a perceber uma sensação dos fenômenos naturais.

20. Os primeiros estágios são fáceis de assimilar intelectualmente; assentimos a eles imediatamente ao descobri-los, mas no que diz respeito à “tendência”, este não é o caso, pelo menos não foi assim para mim. Levei um longo tempo até entender o que significava “tendência”. Para ajudá-los a entender isso, gostaria de encontrar uma boa ilustração. Por exemplo, um relógio não faz nada senão oferecer indicações de tempo. É construído de tal forma que isso é tudo o que podemos saber sobre ele. Podemos discutir se o tempo está correto, e isso não significa absolutamente nada, a menos que, por exemplo, saibamos se o relógio é controlado eletricamente de uma estação astronômica onde o astrônomo é sano e em que parte do mundo o relógio está, e assim por diante.

21. Lembro-me de uma vez quando estava em Téngyuè, dentro da fronteira chinesa em Yúnnán. A hora do meio-dia era sempre telegrafada ao Consulado de Pequim. Essa foi uma ideia esplêndida, porque a eletricidade é praticamente instantânea. O fato lamentável, se é que *era* lamentável, duvido muito, é que as mensagens tinham que ser transmitidas em um lugar chamado Yung Chang. Os operadores de lá tinham o bom senso de fumar ópio na maior parte do tempo, então, ocasionalmente, um lote de telegramas chegava, com uma dúzia ou mais de uma vez só, afirmando que era

meio-dia em Pequim em várias datas! Portanto, todos os fenômenos grosseiros, todas essas sensações e percepções, são ilusões. Tudo o que se poderia dizer era que havia uma tendência por parte de algum lunático em Pequim de dizer às pessoas em Téngyuè que horas eram.

22. Mas até mesmo este Quarto Skandha não é final. Com a prática, ele também se revela uma ilusão, e a pessoa permanece com nada além da consciência nua da existência de tal tendência.

Eu não posso lhes dizer muito sobre isso, porque eu mesmo não a realizei completamente, mas duvido muito que “consciência” tenha qualquer significado como uma tradução da palavra *Viññāṇam*. Acho que uma tradução melhor seria “experiência”, usada no sentido em que a usamos até agora, como a realidade direta por trás e além de qualquer observação.

23. Espero que vocês apreciem o quanto é difícil dar uma descrição fundamentada, ainda que provisória, desses fenômenos, e ainda mais classificá-los adequadamente. Eles têm um truque curioso de correr um para o outro. Creio que essa é uma das razões pelas quais é impossível encontrar qualquer literatura realmente satisfatória sobre o Yoga. Quanto mais avançado for o progresso, menos se conhece e mais se entende. O efeito é simplesmente uma evidência adicional do que venho dizendo todo esse tempo: que é muito pouco útil discutir as coisas; o que é necessário é devoção contínua à prática.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*



## QUARTA PALESTRA

Saudações aos Filhos da Manhã!

*Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

1. Eu gostaria de começar esta noite recapitulando muito brevemente o que foi dito nas três palestras anteriores, e isto seria mais fácil se eu não tivesse esquecido completamente tudo o que eu disse. Mas há uma espécie de memória vaga de que o tema geral da série eram os exercícios mentais dos Yogīs; e a característica realmente notável era que eu achava impossível discuti-los completamente sem abordar, em primeiro lugar, a ontologia; em segundo lugar, a ciência comum; e em terceiro lugar, a alta Magia dos verdadeiros iniciados da luz.

2. Descobrimos que tanto a Ontologia quanto a Ciência, abordando a questão da realidade a partir de pontos de vista inteiramente diferentes, e seguindo suas pesquisas por métodos inteiramente diferentes, ainda assim haviam chegado a um *impasse* idêntico. E a conclusão geral era de que não poderia haver realidade em qualquer conceito intelectual de qualquer tipo, que a única realidade deve estar na experiência direta de um tipo que está além do escopo do aparato crítico de nossas mentes. Não pode estar sujeita às leis da Razão; não pode ser encontrada nos grilhões da matemática elementar; somente as concepções transfinitas e irracionais naquele assunto podem, possivelmente, simbolizar a verdade em algum paradoxo como a identidade das proposições contraditórias. Descobrimos ainda que os estados mentais que resultam da prática do Yoga são apropriadamente chamados de transes, porque eles de fato transcendem as condições do pensamento normal.

3. Neste ponto, começamos a ver uma junção quase insensível do caminho do Yoga que é reto (e de certo modo árido) com o da Magia, que pode ser comparado com a dança báquica ou as orgias de Pã. Isso sugere que o Yoga é, em última análise, uma sublimação da filosofia, assim como a Magia é uma sublimação da ciência. O caminho está aberto para uma reconciliação entre esses elementos inferiores do pensamento em virtude de sua tendência a florescer nesses estados superiores além do pensamento, no qual os dois se tornaram um. E isso, é claro, é Magia; e isso, é claro, é Yoga.

4. Podemos agora considerar se, em vista da identificação final desses dois elementos em seu nível mais elevado, não poderia haver algo mais prático do que simpatia em seus elementos inferiores – quero dizer, assistência mútua.

Fico feliz em pensar que o Caminho dos Sábios se tornou muito mais fácil e mais curto do que ele era quando eu o trilhei; exatamente porque as velhas antinomias da Magia e do Yoga foram completamente resolvidas.

Todos vocês sabem o que é Yoga. Yoga significa união. E todos sabem como fazê-lo: desligando o som da barulheira intelectual e permitindo que o silêncio da luz das estrelas chegue ao ouvido. É a emancipação daquilo que é exaltado da escravidão da expressão comum da Natureza.

5. Agora o que é a Magia? Magia é a ciência e a arte de fazer com que mudanças ocorram em conformidade com a Vontade. Como fazemos isso? Exaltando a vontade ao ponto em que ela é mestre das circunstâncias. E como fazemos isso? Ordenando todo pensamento, palavra e ato, de tal maneira que a atenção seja constantemente remetida ao objetivo escolhido.

6. Suponham que eu queira evocar a “Inteligência” de Júpiter. Eu baseio meu trabalho nas correspondências de Júpiter. Baseio minha matemática no número 4 e seus números subservientes 16, 34, 136. Emprego o quadrado ou o losango. Como meu animal sagrado eu escolho a águia, ou algum outro que seja sagrado para Júpiter. Como meu perfume, açafraão – para minha libação, alguma preparação de ópio ou um vinho generoso, porém doce e poderoso, como o vinho do porto. Como minha arma mágica, eu seguro o cetro; na verdade, continuo escolhendo instrumentos para cada ato de tal maneira que eu seja constantemente lembrado da minha vontade de evocar Júpiter. Eu até mesmo limpo *todos* os objetos. Eu extraio os elementos Jupiterianos de todos os fenômenos complexos que me cercam. Se eu olhar para o meu tapete, os azuis e roxos são as cores que se destacam como Luz contra um fundo obsoleto e indeterminado. E assim eu continuo a minha vida diária, usando cada momento do tempo em constante auto admoestação para atender a Júpiter. A mente responde rapidamente a esse treinamento; muito em breve rejeita automaticamente como sendo irreal qualquer coisa que não seja Júpiter. Tudo o resto escapa à atenção. E quando chega a hora da cerimônia de invocação que venho preparando consistentemente com toda devoção e assiduidade, fico rapidamente inflamado. Estou sintonizado com Júpiter, sou impregnado por Júpiter, sou absorvido por Júpiter, sou apanhado pelo céu de Júpiter e empunho seus raios. Hebe e Ganimedes me trazem vinho; a Rainha dos Deuses está sentada no trono ao meu lado, e as donzelas mais formosas da terra são minhas companheiras.

7. Agora, o que é tudo isso senão fazer de um modo parcial (e, se é que posso dizê-lo, romântico), aquilo que o Yogī faz em seus métodos mais cientificamente completos e ainda mais austeramente difíceis? E aqui a vantagem da Magia é que o processo de iniciação é espontâneo e, por assim dizer, automático. Você pode começar da maneira mais modesta com a evocação de algum espírito elementar simples; mas, no curso da operação, você é obrigado, a fim de obter sucesso, a lidar com entidades superiores. Sua ambição cresce, como ocorre em qualquer outro organismo, pelo que ela consome. Logo você é levado à própria Grande Obra; você é levado a aspirar ao Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, e essa ambição, por sua vez, desperta automaticamente outras dificuldades cuja conquista confere novos poderes. N’*O Livro dos Trinta Æthyrs*, comumente chamado de *A Visão e a Voz*, torna-se progressivamente difícil penetrar em cada Æthyrr. De fato, a penetração só foi alcançada pelas

iniciações que foram conferidas pelo Anjo de cada Æthyr um de cada vez. Havia essa identificação adicional com as práticas do Yoga registrada neste livro. Às vezes, a concentração necessária para permanecer no Æthyr tornou-se tão intensa que resultados definitivamente Samādhis foram obtidos. Vemos então que a exaltação da mente por meio de práticas mágicas leva (como se pode dizer, apesar dela) aos mesmos resultados que ocorrem no Yoga direto.

Acho que devo contar um pouco mais sobre essas visões. O método para obtê-las consistia em pegar um grande topázio lindamente gravado com a Rosa e a Cruz de quarenta e nove pétalas, e este topázio era afixado em uma cruz de madeira de carvalho pintada de vermelho. Eu a chamava de pedra-de-visões em homenagem à famosa pedra-de-visões do Dr. Dee. Eu segurava ela em minha mão e começava a recitar na língua Enoquiana ou Angélica o Chamado dos Trinta Æthyrs, usando em cada caso o nome especial apropriado para o Æthyr. Agora tudo isso correu muito bem acho que até o 17º, e então o Anjo, prevendo dificuldade nos Æthyrs superiores ou mais remotos, me deu essa instrução. Eu deveria recitar um capítulo do Alcorão: o que os maometanos chamam de “Capítulo da Unidade”. “Qol: Hua Allahu achad; Allahu assamad: lam yalid walam yulad; walam yakun lahu kufwan achad”<sup>41</sup>. Eu deveria dizer isso, prostrando-me no chão depois de cada capítulo, mil e uma vezes por dia, enquanto eu caminhava atrás de meu camelo no Grande Erg Oriental do Saara. Creio que ninguém contestará que esse exercício foi muito bom; mas meu ponto é que certamente foi um Yoga muito bom.

Pelo que eu disse em palestras anteriores, vocês todos reconhecerão que esta prática preenche todas as condições dos primeiros estágios do Yoga, e, portanto, não é surpreendente que ela tenha colocado minha mente em tal estado que eu fosse capaz de usar o Chamado dos Trinta Æthyrs com eficiência muito maior do que antes.

8. Então eu deveria estar dizendo que o Yoga é meramente servo da Magia, ou que a Magia não tem função maior do que suplementar o Yoga? De jeito nenhum. A cooperação de amantes é um símbolo do fato. As práticas de Yoga são quase essenciais para o sucesso na Magia – pelo menos eu posso dizer que, pela minha própria experiência, estar totalmente fundamentado na prática do Yoga fez toda a diferença do mundo para o meu sucesso mágico. Mas sinto estar absolutamente certo de que nunca teria obtido sucesso no Yoga em tão pouco tempo se não tivesse passado os três anos anteriores praticando diariamente métodos mágicos.

9. Eu posso ir tão longe a ponto de dizer que, pouco antes de começar o Yoga a sério, eu quase havia inventado um método Yogíco de praticar a Magia no estresse das circunstâncias. Eu estava acostumado a trabalhar com todo o aparato mágico em um templo admiravelmente projetado que eu mesmo montei. Ora eu me encontrava a

---

<sup>41</sup> «Surata 112 do Alcorão: “Dize: Ele é Deus, o Único! Deus! O Absoluto! Jamais gerou ou foi gerado! E ninguém é comparável a Ele!”»

bordo de um navio, ou em algum quarto escuro da Cidade do México, ou acampado ao lado do meu cavalo entre as canas de açúcar em vales tropicais solitários, ou deitado usando minha mochila de travesseiro em montes vulcânicos sem árvores. Eu tive que substituir meu aparato mágico. Eu usaria o criado-mudo, ou pedras empilhadas, como meu altar. Minha vela ou meu lampião alpino era minha luz. Meu piolet<sup>42</sup> como a varinha, meu cantil como o cálice, meu facão como a espada e um chapati<sup>43</sup> ou um saquinho de sal como o pantáculo da arte! O hábito logo tornou familiares estes substitutos grosseiros e acessíveis. Mas suspeito que possa ter sido o isolamento e as dificuldades físicas em si que ajudaram, a minha operação mágica se tornava cada vez mais implícita em meu próprio corpo e mente, e alguns meses depois me vi realizando operações *completas* envolvendo a Fórmula do Neófito (a respeito da qual consulte meu tratado *Magick*<sup>44</sup>) sem nenhum aparato externo.

10. Uma varíola para todos esses sábios arianos formalistas! A menos que se queira ser muito pedante, é um tanto absurdo argumentar que essa forma de ritual imposta sobre mim, primeiro por circunstâncias externas e então por circunstâncias internas, era outra coisa que não uma nova forma de Āsana, Prāṇāyāma, Mantra-Yoga e Pratyāhāra em algo muito próximo da perfeição; e, portanto, não surpreende que a exaltação Mágica resultante de tais cerimônias fosse, em todos os aspectos essenciais, o equivalente a Samyama.

Por outro lado, o treinamento de Yoga foi uma ajuda admirável para a concentração final da Vontade que opera o êxtase mágico.

11. Então esta é a realidade: a experiência direta. Como isso difere da experiência cotidiana comum das impressões sensoriais que são prontamente abaladas pelo primeiro sopro do vento da análise intelectual?

Bem, para responder antes de tudo usando o senso comum, a diferença é simplesmente que a impressão é mais profunda, está menos propensa a ser abalada. Homens de bom senso e boa educação estão sempre prontos a admitir que podem ter se enganado na qualidade de sua observação de qualquer fenômeno, e é quase certo que os homens um pouco mais avançados atinjam um tipo plácido de especulação sobre se os objetos dos sentidos não são meras sombras em uma tela.

Eu tiro meus óculos. Agora não consigo ler meu manuscrito. Eu tinha dois conjuntos de lentes, um natural e outro artificial. Se eu estivesse olhando através de um telescópio do padrão antigo, eu teria três conjuntos de lentes, duas artificiais. Se eu colocar os óculos de outra pessoa, vou ter outro tipo de borrão. Assim como as lentes

---

<sup>42</sup> «Ferramenta semelhante a um machado utilizada para perfurar o gelo e permitir que o alpinista apoie seu peso em uma escalada.»

<sup>43</sup> «Um tipo de pão indiano.»

<sup>44</sup> «*Liber ABA, Magick, O Livro Quatro*: Parte III: Magia em Teoria e Prática. Editora Penumbra, 2020.»

dos meus olhos mudam no curso da minha vida, o que minha visão me diz é diferente. O ponto é que somos incapazes de julgar qual é a verdade da visão. Então por que eu coloco meus óculos para ler? Apenas porque o tipo particular de ilusão produzida pelo uso deles é um que me permite interpretar um sistema de hieróglifos pré-arranjado em um sentido particular que, por acaso, imagino querer. Não me diz nada sobre o objeto da minha visão – o que chamo de papel e tinta. Qual deles é o sonho? A letra clara e legível ou o borrão indecifrável?

12. Mas, em todo caso, qualquer homem que é sensato faz uma distinção entre a experiência da vida diária e a experiência do sonho. É verdade que às vezes os sonhos são tão vívidos, e seu caráter tão persistentemente uniforme, que as pessoas são realmente enganadas acreditando que os lugares que repetidamente viram nos sonhos são lugares que elas conheceram em uma vida acordada. Mas elas são capazes de criticar essa ilusão através da memória, e admitem o engano. Bem, da mesma forma, os fenômenos da alta Magia e do Samādhi têm uma autenticidade e conferem uma certeza interior que está para a experiência da vida desperta assim como a vida desperta está para um sonho.

Mas, à parte de tudo isso, experiência é experiência; e a garantia real que temos da consecução da realidade é sua posição na hierarquia da mente.

13. Vamos nos perguntar por um momento qual é a característica das impressões dos sonhos, conforme julgadas pela mente desperta. Alguns sonhos são tão poderosos que nos convencem, mesmo quando acordados, da sua realidade. Por que, então, os criticamos e descartamos? Porque seus conteúdos são incoerentes, porque a ordem da natureza a que pertencem não se conforma adequadamente com o tipo de experiência que interdepende – até certo ponto. Por que criticamos a realidade da experiência da vigília? Em fundamentos precisamente similares. Porque em certos aspectos ela não se conforma com a nossa profunda consciência instintiva da estrutura da mente. *Tendência! Acontece* que somos esse tipo de animal.

14. O resultado é que aceitamos a experiência da vigília pelo que ela é dentro de certos limites. Ao menos temos feito isso até aqui, baseamos nossa ação na crença de que, mesmo que não seja filosoficamente real, é real o suficiente para basear um curso de ação nela.

Qual é o teste prático final de convicção? Apenas isso, que ela é o nosso padrão de conduta. Eu coloquei esses óculos para ler. Tenho certeza de que a superfície borrada ficará clara quando eu fizer isso. Claro, posso estar errado. Eu posso ter pegado os óculos de outra pessoa por engano. Eu posso ficar cego antes que eu possa colocá-los. Até essa confiança tem limites; mas é uma confiança real, e esta é a explicação de porque nós seguimos em frente com o negócio da vida. Quando pensamos nisso, sabemos que existe todo tipo de empecilhos, que é impossível formular qualquer proposição que seja filosoficamente inexpugnável, ou mesmo uma que o seja do ponto de vista

prático. Nós admitimos para nós mesmos que existem todos os tipos de obstáculos; mas aproveitamos a chance e seguimos em frente nos princípios gerais inculcados pela nossa experiência da natureza. É claro que é muito fácil provar que aquela experiência é impossível. Para começar, nossa consciência de qualquer fenômeno nunca é a coisa em si, mas apenas um símbolo hieroglífico dela.

Nossa posição é a de um homem com um automóvel temperamental; ele tem uma teoria vaga, baseada em princípios gerais, de que ele deveria andar; mas não tem certeza de como ele vai funcionar sob toda circunstância. Agora a experiência da Magia e do Yoga está bem acima de tudo isso. A possibilidade de criticar os outros tipos de experiência baseia-se na possibilidade de expressar nossas impressões em termos adequados; e isto não é de modo algum o caso dos resultados da Magia e do Yoga. Como já vimos, toda tentativa de expressão na linguagem comum é fútil. Onde o herói da aventura está amarrado a uma teoria religiosa, recebemos o insípido e untuoso esgoto de pessoas como São João da Cruz. Todos os místicos cristãos são pintados com o mesmo pincel. Sua religião abominável os compele a todo tipo de sentimentalismo; e a teoria do pecado original vicia toda sua posição, porque em vez do nobre e inspirador Transe do Sofrimento, eles não têm nada além do senso de culpa miserável, covarde e egoísta para incitá-los a empreender a Obra.

15. Acho que podemos rejeitar totalmente de nossas mentes toda afirmação de experiência feita por qualquer cristão de qualquer raça de vírus espiritual como uma mera reflexão mórbida, a imitação simiesca dos verdadeiros êxtases e transes. Todas as expressões da coisa real devem partilhar do caráter dessa coisa e, portanto, somente essa linguagem é permissível, a qual é liberada do cânone da fala comum, exatamente como o transe é liberado pelas leis da consciência comum. Em outras palavras, a única tradução correta é em poesia, arte e música.

16. Se vocês examinarem a mais alta poesia à luz do senso comum, só podem dizer que ela é baboseira; e, na verdade, vocês não conseguem examiná-la de modo algum, porque há algo na poesia que não está nas palavras em si, que não está nas imagens sugeridas pelas palavras “Ó estrela ventosa soprada para o céu!” A verdadeira poesia é em si um feitiço mágico que é a chave do indizível. Com a música, essa tese é tão óbvia que dificilmente precisar ser declarada. A música não expressa qualquer conteúdo intelectual, e o único teste da música é seu poder de exaltar a alma. Então é evidente que o próprio compositor está tentando expressar de forma sensível algumas sublimidades que são alcançadas por aqueles que praticam Magia e Yoga como dever-se-ia.

17. O mesmo se aplica às artes plásticas, mas evidentemente em grau muito menor; e todos aqueles que realmente conhecem e amam a arte estão bem cientes de que a pintura clássica e a escultura raramente são capazes de produzir esses orgasmos transcendentais de êxtase, como no caso das artes superiores. A pessoa está ligada às impressões do olho; é atraída de volta para a contemplação de um objeto estático. E

este fato foi tão bem compreendido nos tempos modernos pelos pintores que eles se esforçaram para criar uma arte dentro de uma arte; e esta é a verdadeira explicação de tais movimentos como o surrealismo. Quero mostrar a vocês que o artista é, na verdade, um ser muito superior ao Yogī ou ao Magista. Ele pode responder como São Paulo respondeu ao centurião que se vangloriava de sua cidadania romana “Com uma grande soma obtive a liberdade”; e Paulo, manejando sua Gravata Old School, zombou: “Mas eu nasci livre.”

18. Não cabe a nós aqui perguntar como ocorre que certos seres humanos possuem desde o nascimento este direito de intimidade com a mais alta realidade, mas Blavatsky era dessa mesma opinião de que o dom natural marca a aquisição do grau na hierarquia espiritual à qual o estudante de Magia e Yoga aspira. Ele é, por assim dizer, um artista em formação; e talvez não seja provável que seus dons tenham se tornado suficientemente automáticos em sua encarnação atual para produzir os frutos de sua consecução. No entanto, sem dúvidas, houve tais casos, e isso dentro de minha própria experiência.

19. Eu poderia citar o caso de um homem – um poeta muito inferior e insosso – que empreendeu muito vigorosamente, por um tempo, as práticas mágicas prescritas. Ele teve muita sorte e alcançou resultados admiráveis. Assim que o fez, sua própria poesia se inundou com luz e energia superna. Ele produziu obras-primas. E então ele desistiu de sua Magia porque a tarefa de progredir ainda mais o assustou. O resultado foi que sua poesia caiu completamente ao padrão de mata-borrão molhado.

20. Deixe-me contar-lhes também de um homem quase analfabeto, um homem de Lancashire<sup>45</sup> que começou a trabalhar em um moinho aos nove anos de idade. Ele estudou por anos com os Toshophistas sem resultados. Então ele se correspondeu comigo por algum tempo; ele ainda não tinha resultados. Ele veio morar comigo na Sicília. Um dia, ao descermos para tomar banho, ficamos um momento à beira do penhasco que descia até a pequena enseada rochosa, com sua praia de areia lisa e maravilhosa.

Eu disse algo bem casualmente – nunca pude me lembrar do que era – e nem ele conseguiu se lembrar – mas de repente ele desceu correndo a pequena trilha íngreme como um bode da montanha, tirou o manto e mergulhou no mar. Quando ele voltou, seu próprio corpo se tornou luminoso. Eu vi que ele precisava ficar sozinho por uma semana para completar sua experiência, então providenciei que ele ficasse em uma tenda alpina em um vale silencioso sob árvores frondosas espalhadas na beira de um riacho. De tempos em tempos ele me enviava seu registro mágico, visão após visão de incrível profundidade e esplendor. Fiquei tão satisfeito com a sua consecução que mostrei esses registros a um ilustre crítico literário que estava hospedado comigo na época. Algumas horas depois, quando voltei para a Abadia, ele correu até mim muito excitado.

---

<sup>45</sup> «Frank Bennett (1868-1930), um discípulo inglês de Crowley que emigrou para a Austrália, onde estabeleceu a A·A·A· e a O.T.O.»

“Você sabe o que é isso?” bradou ele. Eu respondi casualmente que eram algumas visões muito boas. “Danem-se as suas visões”, exclamou ele, “você não notou o estilo? É puro John Bunyan<sup>46</sup>!” E era<sup>47</sup>.

21. Mas tudo isso não está nem aqui e nem ali. Só há uma coisa que alguém pode fazer em um caminho: ter a certeza do próximo passo. E o fato que todos nós temos para nos confortar é o seguinte: que todos os seres humanos têm capacidade para a consecução, cada um de acordo com sua posição atual.

Por exemplo, no que diz respeito ao poder da visão no plano astral, tive o privilégio de treinar centenas de pessoas ao longo de minha vida, e apenas cerca de uma dúzia delas não foram capazes de ter sucesso. Em um dos casos, isso ocorreu porque o homem já havia ultrapassado todo exercício preliminar; sua mente assumiu imediatamente a condição sem forma que transcende todas as imagens, todo pensamento. Outros fracassos foram de pessoas estúpidas que eram incapazes de realizar qualquer tipo de experimento. Eles eram uma massa de orgulho e preconceito intelectual, e eu os mandei embora com uma prescrição de ir para Jane Austen. Mas o homem e a mulher comuns se dão muito bem, e, não me refiro apenas aos instruídos. De fato, é notório que, entre muitas das raças primitivas da humanidade, poderes estranhos de todos os tipos se desenvolvem com espantoso florescimento.

22. A questão para cada um de nós é: primeiro, verificar nossas posições atuais; em segundo lugar, determinar nossas direções apropriadas; e, em terceiro lugar, nos governarmos de acordo.

A questão para mim é também descrever um método de procedimento que seja suficientemente elástico para ser útil para todo ser humano. Eu tentei fazer isso combinando os dois caminhos da Magia e do Yoga. Se executarmos as práticas preliminares, cada um de acordo com sua capacidade, o resultado certamente será a aquisição de uma certa técnica. E isso se tornará muito mais fácil à medida que avançamos, especialmente se tivermos claro em mente não tentar discriminar entre os dois métodos como se eles fossem escolas opostas, mas usar um para ajudar o outro em uma emergência.

23. É claro, ninguém entende melhor do que eu que embora ninguém possa fazer o seu trabalho por você, é possível fazer uso – até certo ponto – da experiência de outras pessoas, e a Grande Ordem que tenho a honra de servir designou um currículo que é, acredito que vocês concordarão, muito satisfatório e prático.

24. Espera-se que você passe pelo menos três meses estudando alguns dos clássicos sobre o assunto. O principal objetivo disso não é instruí-los, mas sim familiarizá-los com os fundamentos e, em particular, impedir que você tenha a ideia de que existe

---

<sup>46</sup> «John Bunyan (1628-1688) foi um escritor e pregador cristão.»

<sup>47</sup> «Para saber mais sobre o retiro mágico de Frank Bennett, consulte *The Magical Record of Frater Progradior*, por Keith Richmond»

certo ou errado em matéria de opinião. Você passa por um exame destinado a garantir que sua mente esteja bem fundamentada nestes assuntos, e você se torna um Probacionista. Suas leituras terão lhe dado alguma indicação quanto ao tipo de coisa na qual você provavelmente será bom, e você selecionará as práticas que mais lhe parecerem promissoras. Você segue em frente com elas, e mantém um registro cuidadoso do que você faz, e de quais resultados ocorrem. Após onze meses, você submete um registro para o seu superior; é dever dele corrigir onde você errou, e particularmente encorajá-lo onde você acha que falhou.

25. Digo isso porque um dos problemas mais frequentes é que pessoas que estão fazendo um excelente trabalho desistem porque descobrem que a Natureza não é o que elas pensavam que seria. Mas este é o melhor teste da realidade de qualquer experiência. Todas aquelas que se conformam com a sua ideia, que lhe lisonjeiam, provavelmente são ilusões. Então você se torna um Neófito; e ataca as Tarefas de um Zelator.

Há outros graus neste sistema, mas os princípios gerais são sempre os mesmos – os princípios do estudo e da pesquisa científica.

26. Nós terminamos onde começamos. “A roda deu um giro completo”. Devemos usar a experiência do passado para determinar a experiência do futuro e, à medida que essa experiência aumenta em quantidade, também melhora em qualidade. E o Caminho é certo. E o Fim é certo. Pois o Fim é o Caminho.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

## **Você gostou deste livro?**

Adquira uma cópia impressa ou ebook  
e assim contribua com o projeto de traduções:

[hadnu.org/loja](http://hadnu.org/loja)